

Revista Adventista

Revista Mensal - Ano 74 - Nº 802 - €1,90

Março 2014



O BRILHO DA PALAVRA DE DEUS É IRRADIADO PELOS VERDADEIROS PROFETAS

Movimento profético



06

As crianças também são cristãs!
Precisamos de investir nas nossas crianças.



14

Israel na profecia
Qual o futuro do povo judeu?



22

Esboço de caráter
Uma prova da graça de Deus.

12 de
ABRIL
de 2014

PROJETO
ESPERANÇA 2014

Participe
na distribuição nacional
do livro missionário!



o **meio** mais
simples e **eficaz** de
anunciar que o Criador
e Redentor está prestes
a **regressar.**



UNIÃO PORTUGUESA DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA
RUA ACÁCIO PAIVA, 35 | 1000-004 LISBOA

Fale com o Coordenador
da sua igreja local.

A nossa missão é realçar Jesus Cristo usando artigos e ilustrações para demonstrar o Seu amor sem igual, dar as boas-novas do Seu trabalho presente, ajudar outros a conhecê-LO melhor e manter a esperança da Sua breve vinda.

editorial

HERANÇA ADVENTISTA



28
Longo alcance
O grande reavivamento internacional do Advento gerou não apenas o millerismo e a Igreja Adventista do Sétimo Dia, mas também outros movimentos.

DEVOCIONAL



31
Você pode fazer a diferença
Cada um de nós pode fazer a diferença de uma maneira especial.

ESPAÇO JUVENIL



34
Ultrapassados em número!

EDITORIAL

04 Deus, o Criador

05 Memo

VIDA CRISTÃ

06 As crianças também são cristãs!

Ministrar às crianças não é apenas uma ideia simpática. Deveria ser a seiva vital da Igreja.

ARTIGO DE FUNDO

10 Movimento profético

O brilho da Palavra de Deus é irradiado pelos verdadeiros profetas.

BÍBLIA

14 Israel na profecia

A Bíblia, na sua totalidade, fala acerca do povo de Israel.

16 Notícias Internacionais

17 Notícias Nacionais

REFLEXÃO

23 Quando os anjos não servem

Apenas Cristo, diferentemente de anjos sem pecado ou de um outro ser humano sem pecado, podia empreender a redenção da raça pecadora.

TEOLOGIA

22 Esboço de caráter

O Salmo 87 é o texto do Velho Testamento de pensamento mais arrojado no que toca a incluir os gentios no reino de Deus.

CIÊNCIA E RELIGIÃO

25 A matemática de Deus

O número cinquenta é bastante utilizado na Bíblia e com variados e profundos significados espirituais. Uma das suas utilizações mais conhecidas reside na própria palavra "Pentecostes".

Diretor António Rodrigues **Chefe de Redação** Paulo Sérgio Macedo **Coordenador Editorial** Paulo Lima **Colaboradores de Redação** Manuel Ferro e Lara Varandas **Projeto Gráfico e Diagramação** Sara Calado **Fotos Ilustrativas** © Shutterstock **E-mail** revista.adventista@pservir.pt **Proprietária e Editora** Publicadora SerVir, S. A. **Diretor** Carlos Simões Mateus **Sede e Administração** Rua da Serra, nº 1 - Sabugo 2715-398 Almargem do Bispo Tel: 21 962 62 00 Fax: 21 962 62 01 **Controlo de Assinantes** Paulo Santos E-mail assinaturas@pservir.pt Tel: 21 962 62 19 **Impressão e Acabamento** Jorge Fernandes, Lda. - Charneca da Caparica **Tiragem** 1500 exemplares **Depósito Legal** Nº 1834/83

A *Revista Adventista*, Órgão da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal, é publicada mensalmente pela União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia desde 1940 e editada pela Publicadora SerVir, S. A..

São bem-vindos todos os manuscritos, solicitados ou não, cujo conteúdo esteja de acordo com a orientação editorial da revista. Todos os artigos devem incluir o nome e a morada do autor bem como o contacto telefónico. Não se devolvem originais, mesmo não publicados.



O Adventismo, um movimento profético

A Igreja Adventista do Sétimo Dia foi suscitada por Deus para deixar a sua marca na história deste mundo antes da Segunda vinda de Jesus Cristo. A Igreja surgiu como um movimento profético fundamentado na autoridade das Escrituras.

Qualquer Adventista dotado de verdadeira humildade deseja ser um instrumento nas mãos de Deus para anunciar a bem aventurada esperança que reside no seu coração. Em Apocalipse 14 é nos dito o seguinte: “E vi outro anjo voando pelo meio do céu, tendo um evangelho eterno para pregar aos que se assentam sobre a terra, e a cada nação, e tribo, e língua, e povo, dizendo, em grande voz: Temei a Deus e dai-Lhe glória, pois é chegada a hora do Seu juízo; e adorai Aquele que fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas” (Apocalipse 14:6 e 7). Proclamar o “evangelho eterno” deve ser a tarefa fundamental na Igreja Adventista. Ellen White escreveu que devemos ter “a Bíblia, e a Bíblia só, como norma de todas as doutrinas e base de todas as reformas” (*O Grande Conflito*, p. 595). A nossa Igreja surgiu após um período de grande intensidade de estudo da Bíblia, o qual levou os crentes de então a uma profunda reflexão escatológica. Os primeiros crentes Adventistas fizeram da Bíblia a sua única regra de fé e de esperança. É útil lembrar a cada membro da nossa Igreja a importância do estudo e da pregação da Palavra, que nos colocará no caminho da salvação quando transmitimos a outros o conhecimento que nos foi legado. “Não citeis outra vez as minhas palavras enquanto viverdes, até que possais obedecer à Bíblia. Quando fizerdes da Bíblia vosso alimento, vossa comi-

da e vossa bebida, quando fizerdes de seus princípios os elementos de vosso caráter, conhecereis melhor como receber conselho de Deus. Enalteço a preciosa Palavra diante de vos neste dia. Não repitais o que eu declarei, afirmando: A irmã White disse isto e a irmã White disse aquilo! Descobri o que o Senhor Deus de Israel diz, e fazei então o que Ele ordena” (Manuscrito 43, 1901).

Atualmente nenhuma outra igreja apresenta a verdade tal como ela está revelada na Bíblia Sagrada. O dom profético é concedido por Deus conforme os Seus desígnios para a Humanidade. “Temos, assim, tanto mais confirmada a palavra profética, e fazeis bem em atende-la, como a uma candeia que brilha em lugar tenebroso, até que o dia clareie e a estrela da alva nasça em vosso coração” (II Pedro 1:19). A Igreja Adventista do Sétimo Dia não é uma denominação qualquer. De acordo com a mensagem dos três anjos, esta Igreja tem uma missão especial. Missão essa que prosseguirá até à volta de Jesus. Hoje mesmo a Igreja deverá continuar a pregar a segunda vinda de Jesus Cristo em todo o Mundo. Ela deve levar aos pecadores uma mensagem de esperança e de reconciliação. Não existe uma outra denominação com esta missão, pelo que seria muito triste se a nossa Igreja, o povo do Advento, se esquecesse da sua missão. Temos uma identidade, temos uma esperança, temos uma promessa de que em breve Jesus nos virá buscar (João 14:1-3). Portanto, ainda hoje e até ao fim dos tempos, o Adventismo deve ser definido como um movimento profético. ✎

· Pr. Antônio Rodrigues, presidente da UPASD

DIAS ESPECIAIS E OFERTAS

março

01	Dia Internacional de Oração da Mulher
03-09	Formação para Pastores – Paolo Benini
09	Encontro de Anciãos R.E. Alentejo e Algarve
15-22	Semana de Oração JA
15	Dia Global da Juventude
23	Encontro de Reflexão sobre Liberdade Religiosa
23	Formação sobre Saúde R.E. Alentejo e Algarve
30	Formação sobre Saúde R.E. Lisboa

abril

06	Formação sobre Saúde R.E. Centro
12	Distribuição do Livro Missionário
12-14	Congresso de Publicações
13	Formação sobre Saúde R.E. Norte
13	Formação para Colportores
14	Formação para Pastores
17-20	Acampamentos Regionais
25-27	Convenção Nacional de Educação
26	Dia da Educação

COMUNIDADE DE ORAÇÃO

março

03-07	União Franco-Belga (FBU)
10-14	Associação da Moldávia (RU)
17-21	Centro de Multimédia <i>Stimme der Hoffnung</i> (EUD)
24-28	União Austríaca (AU)
31/03-04/04	Seminário Teológico Sazava (CSU)

abril

07-11	União Norte Alemã (NGU)
14-18	União Romena (RU)
21-25	Associação do Sul de França (FBU)
28/04-02/05	União Checo-Eslovaca (CSU)



FÉ DOS HOMENS

RTP2, a partir das 18h
 ANTENA 1, a partir das 22h47
 • 10/03 (segunda-feira)
 • 28/04 (segunda-feira)
 • 30/04 (quarta-feira)

CAMINHOS

RTP2, às 10h30
 ANTENA 1, a partir das 06h
 • 30/03 (domingo)



SINAIS DOS TEMPOS

“A REFORMA DA PALAVRA”

O Banco de Leitura deste mês não é dedicado à promoção de um livro. Queremos apresentar ao prezado Leitor um número especial da revista *Sinais dos Tempos*. Este número tem por título “A Reforma da Palavra” e é inteiramente consagrado ao testemunho e ao impacto histórico dos diversos Reformadores. Assim, a revista abre com uma pequena biografia de John Wycliffe, frequentemente designado pelos historiadores da Igreja como “a estrela da manhã da Reforma”. Tendo vivido entre 1324 e 1384, Wycliffe foi um destacado filósofo e teólogo inglês que, guiado pela sua leitura da Palavra de Deus, procurou levar a Igreja de volta à sua pureza original. Ele também ficou conhecido como o primeiro tradutor da Bíblia para o Inglês a partir do Latim. Jan Huss (1369-1415) foi o reformador que se seguiu. Sendo adepto das doutrinas de Wycliffe, Huss procurou também reformar a Igreja dos abusos que nela se verificavam. Tendo dado testemunho da verdade, rendeu a sua vida como mártir na fogueira. Abordamos, em seguida, a vida e a obra de Martinho Lutero, o Sol nascente da Reforma. Veremos a determinação de Lutero em ser fiel às doutrinas das Escrituras e, nomeadamente, à sua doutrina cardeal: a justificação pela fé. Segue-se uma pequena resenha biográfica sobre a vida e a obra de William Tyndale (1494-1536). Este foi o primeiro tradutor da Bíblia para Inglês a partir das línguas originais das Sagradas Escrituras. Sentindo a grande necessidade que o seu povo tinha da Palavra, Tyndale enfrentou sérios perigos para lhe dar a Bíblia na sua língua materna. Acabou por pagar com a vida a ousadia.

Abordamos, depois, a vida de João Ferreira de Almeida (1628-1691), o primeiro tradutor da Bíblia para Português a partir das línguas originais. Ficamos a conhecer as suas aventuras e desventuras, sempre guiado pelo desejo intenso de tornar acessível a Bíblia aos falantes do Português. A nossa revista inclui também uma pequena biografia de John e Charles Wesley, os Reformadores do século XVIII na Grã-Bretanha. Veremos o impacto que os fundadores do Metodismo tiveram na história do Cristianismo. Finalmente, esta *Sinais dos Tempos* sobre a Reforma termina com um pequeno artigo acerca da Igreja Adventista do Sétimo Dia, onde se expõem as razões teológicas que estão na base da escolha do nome da nossa Igreja. A Igreja Adventista do Sétimo Dia surge, assim, como uma justa herdeira da Reforma e como a sua digna continuadora. Então, dada a importância do seu tema e dado o modo abrangente como é tratado, cremos que o prezado Leitor terá todo o interesse em ler e oferecer este número da *Sinais dos Tempos*. Daí o nosso apelo: leia-o e partilhe-o com o seu círculo de contactos. ✍

Paulo Lima, redator da Revista Adventista

A medida que ouvia o pastor no programa de rádio, a minha primeira reação foi de incredulidade – “Este homem não pode estar a dizer tal coisa no ar!” Depois senti tristeza – “Espero que crianças não o estejam a ouvir”. Em seguida, a minha reação emocional passou a pura ira – “A audácia deste homem!” O pastor falou sobre os seus sentimentos de inadequação e ineficácia: *Estará o meu ministério a fazer alguma diferença?*

Penso que nós, os pastores, nos podemos identificar com esses sentimentos. Mas, então, o pastor do programa de rádio fez esta declaração: “Eu senti que era um fracasso porque tinha batizado apenas quatro jovens.” E ele continuou: “Mas, depois, o Senhor levou-me a dirigir um pequeno grupo, e como resultado disso batizei vários adultos. Comecei então a sentir que o meu ministério já estava a fazer a diferença.”

Citamos com frequência as palavras de Jesus em Mateus 19:14: “Deixai os meninos, e não os estorveis de vir a mim; porque dos tais é o reino dos céus.” Isto soa de modo acolhedor e aconchegante. Mas a minha questão é a seguinte: *Acreditamos realmente nestas palavras?*

Prioridades mal ordenadas

George Barna, o guru da pesquisa de *marketing* cristã, terminou recentemente um projeto de

seu estudo, às crianças na Igreja, Barna declara: “Retrospectivamente, a minha perspectiva estava de tal modo longe do alvo que eu não perdi simplesmente o barco – eu perdi o Oceano inteiro!”¹

No evangelismo tradicional, as crianças são o “isco” que usamos para cumprirmos aquele que é o objetivo primário dos esforços evangelísticos de uma igreja: o batismo de adultos. Sim, nós provemos os cuidados às crianças, os boletins das crianças e, até mesmo, os programas infantis completos. E estas são coisas boas. Mas os seus propósitos são habitualmente secundários em relação ao propósito primário das reuniões evangelísticas: a conversão de adultos.

No entanto, de acordo com a pesquisa de Barna,² a probabilidade de uma pessoa aceitar Cristo depois dos 19 anos é apenas de 6%. A mesma probabilidade é ape-

As crianças também são Cristãs

Ministrar às crianças não é apenas uma ideia simpática. Deveria ser a seiva vital da Igreja.

Não serão muitas as pessoas que o afirmarão tão diretamente como o fez este pastor, mas eu creio que a maioria das pessoas, incluindo pastores, subscrevem este tipo de mentalidade: “Quando começamos a batizar adultos, então ‘chegamos’ a algum lado.”

pesquisa, realizado durante dois anos, sobre o desenvolvimento espiritual das crianças, o qual está na base do seu livro *Transforming Children into Spiritual Champions* (Transformar crianças em campeões espirituais). Quanto à prioridade que ele atribuía, antes do

nas de 4% entre os 13 e 18 anos. Mas a probabilidade de uma pessoa aceitar Cristo entre os 5 e os 12 anos é de 32%.³ É evidente que isto não significa que o trabalho do Espírito Santo fique limitado por estas estatísticas frias e rígidas. Na verdade, estou certa de que a

maioria de nós pode partilhar histórias sobre como o Senhor tem trabalhado na vida de adultos para os trazer a um conhecimento salvífico de Jesus Cristo. Mas, poderá ser que estas estatísticas sejam uma afirmação de como o Senhor está a operar poderosamente na vida das crianças?

“E há de ser que, depois, derramarei o meu Espírito sobre toda a carne, e vossos filhos e vossas filhas profetizarão, os vossos velhos terão sonhos, os vossos mancebos terão visões. E, também, sobre os servos e as servas, naqueles dias derramarei o meu Espírito” (Joel 2:28 e 29). Que versículos inspi-

radores e poéticos! Mas será que acreditamos neles?

O campo de batalha diário

Estava sentada no aeroporto com o meu sobrinho de 23 anos, esperando pela partida do seu avião. Vimos quando um grupo de jovens passou por nós, vestidos com os seus trajes militares. Olhei para eles, olhei de novo para o meu sobrinho, e apercebi-me de que eles pareciam ser muitos anos mais novos do que ele. Virei-me para o meu sobrinho e perguntei: “Kenneth, estes jovens parecem-te tão novos a ti como me parecem a mim?” Ele respondeu: “Estava a pensar exa-

tamente na mesma coisa.” Quase chorei ao pensar que estes jovens – em muitos aspetos ainda crianças – estariam expostos ao partir para a guerra. E sobre como muitos deles passariam possivelmente a sua vida inteira a lidar com os efeitos dessa experiência.

As nossas crianças estão envolvidas numa batalha que não é menos real. É uma batalha diária pelo seu coração, pela sua mente e pela sua alma. Acredito que Satanás percebe que, se as puder danificar enquanto ainda são novas, ele tem muito mais possibilidade de lhes oferecer uma vida inteira cheia de dor, de angústia e de incompreensão do verdadeiro caráter do seu Pai celestial. “Como nunca dantes os filhos necessitam de vigilante cuidado e orientação, pois Satanás está se esforçando por conseguir o controlo da sua mente e coração e por expulsar o Espírito de Deus.”⁴

As crianças precisam de orientação, disciplina e treino. No entanto, acredito que devemos guiá-las – mas não coagi-las. Devemos disciplinar – mas não quebrar-lhes o espírito. E devemos ensinar – mas não oferecer-lhes expectativas irrealistas. Nós temos tendência para satisfazer as crianças, entretê-las ou ignorá-las. Muitas vezes fazemos tudo para e pelas crianças – exceto respeitá-las.



O chamado de Deus na vida das crianças

Deus faz sentir o Seu chamado na vida das crianças como também o faz na vida dos adultos. Não posso deixar de me interrogar se não se dará o caso de as crianças não perceberem que Deus coloca o seu chamado na sua vida, porque nós, os adultos, também não o percebemos.

Samuel tinha quatro anos quando a sua mãe o levou ao templo para o dedicar à obra do Senhor (I Samuel 1). Ana respeitou o seu chamado. Diz-se de Josias, rei de Judá, que “fez o que era reto aos olhos do Senhor; e andou em todo o caminho de David, seu pai, e não se apartou dele, nem para a direita, nem para a esquerda” (I Reis 22:2). Josias tinha oito anos quando se tornou rei.

O pastor Harewood, um ministro do Evangelho no Golfo Pérsico, estava a sentir-se bastante desencorajado e vencido quando recebeu uma chamada telefónica de Renilda, uma menina de cinco anos. Ele cumprimentou-a e perguntou-lhe se a mãe dela queria falar com ele. “Não”, respondeu ela. “Pastor, eu apenas queria orar por si!” Ela assim o fez e o pastor quase perdeu o controlo e chorou. Quando o pastor a viu na igreja no Sábado seguinte, pôs o seu braço à volta dela e disse para outro membro da igreja: “Esta é a Renilda, a minha parceira de oração!”⁵

Bem sei que é mais fácil falar do que fazer, mas nós, os adultos, devemos parar de transferir as nossas limitações e inseguranças para as nossas crianças. É verdade que as crianças tentarão fazer coisas que estarão além das suas capacidades. Mas isso é exatamente o que, tanto adultos quanto crianças, precisam de fazer para aprender a depender de Cristo. “Porque quando estou fraco, en-

tão sou forte” (II Coríntios 12:10). Também poderão surgir ocasiões em que algumas crianças tomem sobre si mais do que são capazes de carregar, que não ajam responsabilmente ou que negligenciem preencher o seu compromisso para com uma determinada tarefa. Mas isso não significa que excluamos todas as crianças de ministrarem na igreja. Qualquer pessoa que já tenha estado envolvida nos ministérios da Igreja sabe que, se tivéssemos que aplicar esta regra a toda a Igreja, muitos dos nossos voluntários adultos seriam excluídos de ministrar! Isto não significa dizer que devemos desculpar a irresponsabilidade dos adultos mais do que desculpamos a irresponsabilidade das crianças e dos adolescentes. No entanto, excluimos nós toda a classe dos adultos, apenas porque há alguns que exibem um comportamento irresponsável?

Tratar os miúdos como Cristãos

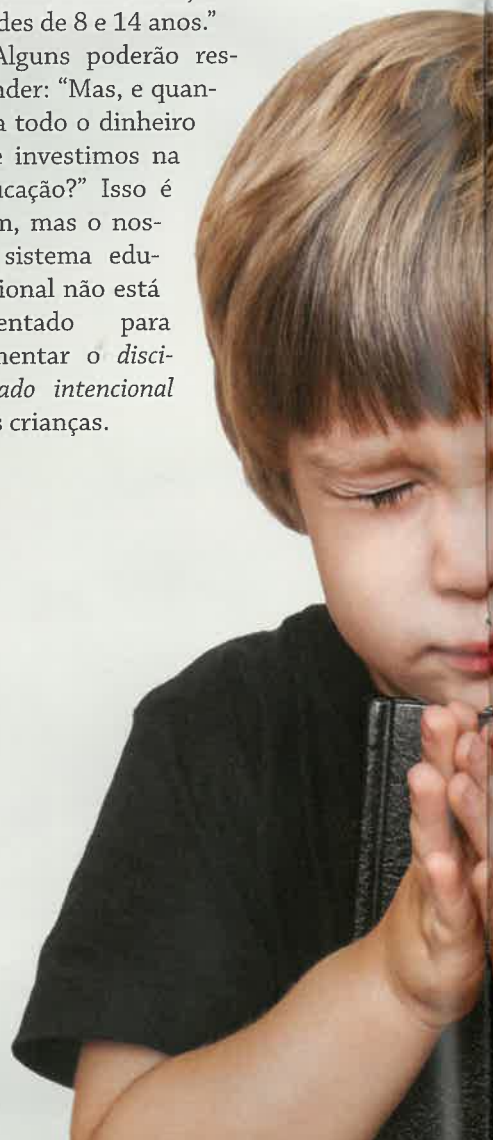
Enquanto Igreja, como podemos tratar os mais pequenos como Cristãos autênticos? Como podemos desafiá-los, e, ainda assim, lembrarmo-nos de que eles são miúdos e não adultos em miniatura? Como podemos ajudá-los a entenderem que Deus quer usá-los agora para ministrar a outros – agora e não em algum amanhã distante, que nunca chega?

Primeiro, creio que podemos reafirmar o seu valor para nós, atribuindo os nossos fundos de Igreja de modo mais proporcional do que fazemos agora. Nós dizemos verbalmente que valorizamos muito as nossas crianças, mas financeiramente dizemos o contrário. Enquanto Igreja que instila nos seus membros a noção de que a mordomia se revela tanto através das nossas carteiras como através das nossas bocas, aplicamos nós o mesmo padrão no modo como atri-

buímos os nossos fundos de Igreja para as crianças?

Linda Koh, a diretora dos Ministérios da Criança da Conferência Geral, toma o pulso da Igreja mundial. Ela afirma: “A maioria das igrejas não possui um programa de ministério para as crianças ou um pastor das crianças, porque diz que não tem dinheiro para tal. No entanto, se nós, enquanto Igreja, analisássemos os números de pessoas batizadas e revelássemos a percentagem dessas pessoas que são crianças – coisa que presenteiramente não fazemos – ficaríamos espantados. Por exemplo, há dois anos, na Tailândia, foram batizadas 700 pessoas. O que a maioria não sabe é que aproximadamente metade eram crianças entre as idades de 8 e 14 anos.”

Alguns poderão responder: “Mas, e quanto a todo o dinheiro que investimos na educação?” Isso é bom, mas o nosso sistema educacional não está orientado para fomentar o *disciplinado intencional* nas crianças.



Segundo, creio que podemos afirmar o seu valor, envolvendo-as no ministério – agora. As crianças podem saudar, orar, levantar a oferta, contar histórias de crianças, ler as Escrituras, cantar, distribuir literatura na igreja, fazer chamadas telefônicas, pregar o Evangelho. As possibilidades são infinitas – se nós, os adultos, estivermos dispostos a ensiná-las.

Quando servi como pastora-associada, uma das minhas responsabilidades era os Ministérios da Criança na igreja. Uma vez por ano organizávamos um Sábado dos Ministérios da Criança. Nesse Sábado, as crianças conduziam a liturgia de adoração – orando, lendo as Escrituras, levantando a oferta, contando a “história dos adultos”,⁶ até mesmo tocando o órgão. Isto não era uma tarefa pequena – a frequência usual da igreja no Sábado chegava a mais de 500 pessoas. Mas as crianças levavam a sério o seu papel e foram uma verdadeira bênção para todos. A única pista que indicava que estávamos a ser ministrados por crianças

era a presença de um banquinho por detrás do púlpito!

Terceiro, creio que podemos afirmar o seu valor, levando-as a sério. O que quero eu dizer com isto? Uma forma de o fazer é falar diretamente com elas. Muito frequentemente os adultos falam acerca das crianças na sua presença e respondem por elas, em vez de lhes perguntar o que pensam.

Uma mulher chamada Linda partilha a história de como a sua vizinha veio à sua casa um dia e disse: “A minha filha gosta realmente de si.” Linda perguntou: “Porque é que ela gosta tanto de mim?” Ao que a vizinha respondeu: “Ela diz que você a trata como uma pessoa, não como uma criança.”

Um outro modo de levar a sério as crianças é pedir-lhes ajuda. Eu penso que isto sai fora do nosso paradigma de pensamento usual, o qual diz qualquer coisa como isto: “Nós somos os adultos, eles são os miúdos. Eles necessitam da nossa ajuda. Não há nada em que eles nos possam ajudar.”

Seja a liderar a igreja, a nossa família ou a nossa vida pessoal, as crianças têm algo a oferecer. Elas manifestam uma energia, um entusiasmo e uma expectativa que os adultos, frequentemente, não possuem – ou perdem com a idade. É necessária humildade para se pedir ajuda a uma criança. Mas humildade gera humildade. Se queremos que as nossas crianças cresçam para serem adultos ensináveis e humildes, devemos dar-lhes o exemplo. Devemos abri-los o suficiente para podermos dizer às crianças: “Também posso aprender contigo!”

Conclusão

A minha irmã, as suas filhas e a minha mãe visitaram-nos no passado mês de dezembro. Uma noite

estávamos à espera que chegassem para o jantar natalício o meu sobrinho, a sua esposa e as suas duas filhas, Alyssa e Mia. A minha sobrinha de 7 anos, Sara, decidi que queria fazer postais de boas festas para Alyssa e Mia e embrulhar presentes para elas. Então, eu dei à Sara papel em branco para os seus postais, uma caneta, fita-cola e papel de embrulho. Um pouco mais tarde, Sara trouxe os seus tesouros para o rés-do-chão e começou a colocá-los sobre a mesa perto do sítio em que Alyssa e Mia se sentariam. Eu vim até à sala de jantar e, vendo os seus trabalhos manuais, disse: “Sara, que atencioso da tua parte!” Ela olhou para mim e, com um suspiro na voz, respondeu: “Isto é um trabalho duro para uma menina pequena!” Mas continuou a colocar cuidadosamente cada presente, sorrindo com satisfação e alegria.

Tratar as crianças como Cristãos autênticos dará trabalho – a nós e a elas. Mas, quando virmos as nossas crianças experimentarem uma relação pessoal com Jesus, bem como experimentarem a satisfação e a alegria que ministrar a outros traz, saberemos que alcançamos o nosso objetivo. ♣

• **Bonita Joyner Shields**

Editora-assistente da
Adventist Review

1. George Barna, *Transforming Children Into Spiritual Champions*, Ventura, California, Regal Books, 2003, p. 12.
2. A pesquisa de Barna representa um projeto de dois anos, consistido em inquéritos a nível nacional entre adultos, adolescentes, pré-adolescentes e pastores. Barna tomou os dados destes inquéritos e realizou estudos aprofundados sobre os ministérios das crianças em várias igrejas dos Estados Unidos.
3. *Idem*, p. 34.
4. Ellen G. White, *Testemunhos Para a Igreja*, vol. 4, Casa Publicadora Brasileira, Tatuí, SP, 2003, p. 199.
5. Esta história foi relatada na *newsletter* de Homer Tre-cartin da União do Médio-Oriente dos Adventistas do Sétimo Dia, 2004.
6. Dado que o sermão foi dirigido para as crianças, contámos aos adultos uma história especial durante o momento usual da “história para as crianças”.



o brilho da Palavra de Deus é irradiado pelos verdadeiros profetas.

Movimento profético

As instituições que sabem a razão da sua existência costumam ter uma declaração de missão. A declaração de missão Adventista define que o nosso objetivo como Igreja é proclamar o Evangelho eterno no contexto profético de Apocalipse 14:6-12.¹

Na abertura do Conselho Anual da Conferência Geral, em 2001, o pastor Jan Paulsen, então presidente da Igreja mundial, resumiu em duas palavras a missão que nos identifica, definindo o povo Adventista como sendo “um movimento profético”.² Declarações como esta dão-nos a noção de que estamos inseridos em alguma coisa muito importante. Mas, o que significa, de facto, fazer parte de um movimento profético?

Na busca por uma resposta, é necessário considerar que os Adventistas do Sétimo Dia não são

os únicos que acreditam ser um movimento profético. Apenas nos Estados Unidos, uma grande variedade de grupos religiosos usa o mesmo título. Entre eles figura o grupo do pastor Bill Hamon, fundador de uma rede internacional de Ministérios Proféticos. Ele afirma que o seu movimento é a continuidade da renovação pentecostal e este é identificado pela prática de cerimónias pomposas com arte, drama, canto e dança. Também inclui revelações diretamente aplicadas à vida individual, definidas como “profecias pessoais”. No

Brasil, a novidade também já chegou, agitando o mercado religioso com propostas inusitadas, como o Ministério Profético de Libertação das Finanças e a Ministração Profética para Limpeza do Nome.

Tradicionalmente, os Adventistas olham com desconfiança para as práticas referidas anteriormente. Porém, se os sinais e os prodígios dos proclamados profetas atuais pouco nos impressionam, o que faz de nós um movimento profético? Para a definição do profeta verdadeiro não importam tanto os sinais prodigiosos. Nem mesmo as profecias cumpridas são prova inquestionável. O verdadeiro profeta, sobretudo, fala de modo conforme à Palavra de Deus. “Quando profeta ou sonhador se levantar no meio de ti e te anunciar um sinal ou prodígio, e suceder o tal sinal ou prodígio de que te houver falado, e disser: Va-

mos após outros deuses, que não conheceste, e sirvamo-los, não ouvirás as palavras desse profeta ou sonhador; porquanto o Senhor, vosso Deus, vos prova, para saber se amais o Senhor, vosso Deus, de todo o vosso coração e de toda a vossa alma” (Deut. 13:1-3).

Levando em consideração que o verdadeiro profeta fala sempre conforme as palavras e os mandamentos divinos, destacamos pelo menos três factos que, inicialmente, nos ajudam a compor a moldura profética da fé Adventista: a origem baseada nos escritos dos profetas, a proclamação profética e a valorização do dom de profecia.

A origem profética

A origem do movimento Adventista deu-se segundo a agenda divina, em cumprimento à maior e também à última profecia temporal da Bíblia: os 2300 anos de Daniel 8:14. Segundo a revelação divina, o período iniciado com o decreto para a restauração de Jerusalém deveria estender-se até ao tempo do fim (Dan. 8:17), quando aconteceria a “purificação do santuário”. Mais de 60 comentadores bíblicos espalhados pelos quatro continentes predisseram, no início do século XIX, que a profecia dos 2300 anos se cumpriria entre 1843 e 1847.³ Empregavam a tabela de interpretação profética, na qual um dia equivale a um ano (Eze. 4:7). Embora os estudiosos apresentassem considerável consenso quanto ao tempo, divergiam quanto à natureza do evento. Entre os pesquisadores despertados por Deus estava William Miller, que incendiou os Estados Unidos com a pregação de que a purificação do santuário aconteceria por volta do ano 1843 e significava a volta de Jesus.

Os estudos detalhados do millerita Samuel Snow levaram-no a

crer que a volta de Cristo se daria a 22 de outubro de 1844. Ele influenciou grande parte do movimento, que chegou a somar 100 mil pessoas na América do Norte.⁴ Quando os Milleritas tiveram que encarar o dia seguinte ao 22 de outubro, ainda no decadente mundo de pecado, o movimento esfacelou-se. Mas um pequeno grupo, de entre as ramificações remanescentes, entendeu que o único santuário que restava para ser purificado era o santuário celeste, do qual uma cópia tinha sido apresentada a Moisés no deserto (Heb. 8:5).

O tempo da profecia não poderia ser negado. E isto estava certo, até porque a primeira parte da profecia já se cumprira na Cruz. Dentro do grande período profético dos 2300 anos, Daniel registou um período menor, de 490 anos, iniciado com o terceiro e definitivo decreto para a restauração de Jerusalém, no distante ano de 457 a.C.. Quando restassem sete anos para o fim do período de 490 anos, estava prevista a chegada do “Ungido” e do “Príncipe” (Dan. 9:25). Três anos e meio depois, o Ungido faria cessar os sacrifícios do templo judaico (Dan. 9:27). Foi assim que, no ano 27, Jesus iniciou o Seu ministério público e, no ano 31, verteu o Seu sangue na Cruz como sacrifício definitivo e completo pelo pecador. Nunca mais o sacrifício de bodes e de carneiros seria necessário, pois o Verdadeiro Sacrifício Se sobrepôs à representação simbólica. O Cordeiro de Deus carregava sobre Si os pecados de todo o mundo (I Jo. 2:2).

Paulo afirma que a encarnação de Cristo se realizou no tempo previsto pelo calendário divino: “Vindo, porém, a plenitude do tempo, Deus enviou o seu filho” (Gál. 4:4). A palavra “plenitude” é a tradução da palavra grega *pleroma*,⁵ cujo significado mais comum é “aquilo que

é preenchido”. Jesus Cristo veio ao mundo quando foi preenchida a medida de tempo predita na profecia. Na noite de quinta-feira anterior à crucificação, Ele anunciou aos discípulos que tinha chegado a hora de se cumprirem as cenas finais do Seu ministério terrestre: “Eis que é chegada a hora, e o Filho do homem está sendo entregue nas mãos de pecadores” (Mat. 26:45). A data estava marcada há já muitos séculos nas páginas do Antigo Testamento.

Foi a certeza do tempo profético, cumprido inicialmente em Jesus, que permitiu ao pequeno grupo de Adventistas sabatistas compreender que a interpretação millerita sobre o livro de Daniel tinha sido doce como o mel, mas amarga no estômago (Apoc. 10:10), pois estava equivocada quanto à natureza do evento esperado. Ainda assim, nenhum sentimento de derrota deveria tomar o lugar do dedicado estudo da Palavra de Deus e da sua pregação numa escala muito superior ao movimento de Miller. Pouco a pouco, os primeiros Adventistas descobriram que, antes da volta de Cristo, ainda seria necessário profetizar para “muitos povos, nações, línguas e reis” (Apoc. 10:11).

Proclamação profética

A crença na direção de Deus proporcionou ao grupo remanescente não apenas uma missão,





mas também um conteúdo distintivo para uma proclamação profética. O retorno às Escrituras e o estudo do ritual do santuário fizeram com que a “purificação do santuário” fosse mais bem compreendida no seu contexto bíblico e tipológico referente ao Dia da Expição. “Como no serviço típico havia uma expiação no fim do ano, semelhantemente, antes que se complete a obra de Cristo para redenção do homem, há também uma expiação para tirar o pecado do santuário. Este é o serviço iniciado quando terminaram os 2300 dias. Naquela ocasião, conforme fora predito pelo profeta Daniel, o nosso Sumo-Sacerdote entrou no lugar santíssimo para efetuar a última parte de Sua solene obra – purificar o santuário.”⁶

A obra de Cristo na purificação do santuário celestial é marcada pelo Seu ilimitado amor e pelo Seu amplo perdão oferecidos aos pecadores. Nos registos celestes é realizada a completa extinção dos pecados daqueles que aceitaram a Sua oferta de graça.⁷ Em virtude disso, podemos chegar-nos “confiantemente junto ao trono da graça” (Heb. 4:16).

Como no antigo Dia da Expição em Israel, apenas a recusa obstinada e voluntária do oferecimento da misericórdia divina seria a causa de exclusão das bênçãos garantidas por Cristo. “Porque, se vivermos deliberadamente em pecado, depois de termos recebido o pleno conhecimento da verdade, já não resta sacrifício pelos pecados” (Heb. 10:26).

A ação divina de atribuir a Sua justiça aos pecadores, extinguir a transgressão e salvar todos quantos aceitem o Senhor não acontece de forma velada. Ao contrário, o Universo inteiro é testemunha da ação divina em favor da Humanidade. “[Jesus] empreendeu a obra da Salvação, e mostrou perante os mundo, não caídos e à família celestial que Ele é capaz de terminar a obra por Ele começada. [...] Naquele dia de punição e recompensa finais, tanto os santos como os pecadores reconhecerão n’Aquele que foi crucificado, o Juiz de todos os vivos.”⁸

A compreensão da obra final de Cristo no santuário celestial tem motivado os Adventistas a empreenderem a urgente proclamação profética de Apocalipse 14:6-

12, num panorama no qual se desenham os lances finais da derrotada rebelião de Satanás contra o Todo-Poderoso. Nesse trecho, o apóstolo João relata o voo de três anjos, que se sucedem, anunciando o Evangelho eterno e o juízo de Deus, a queda de Babilônia e a condenação final dos ímpios, marcados, conforme a sua própria escolha, para a retribuição divina.

Da mesma forma que o mundo dominado pelo dragão satânico é representado por três espíritos imundos (Apoc. 16:13), o povo de Deus é representado pelos três anjos. “O dragão se baseia na realização de milagres e na obtenção de apoio dos reis da Terra (Apoc. 13:13; 16:14). Deus apela à razão humana e às necessidades espirituais reais dos indivíduos e Se assegura de que todas as pessoas recebam a mensagem e tomem uma decisão.”⁹

No meio do cenário de conflito espiritual, os servos de Deus são definidos como aqueles que “guardam os mandamentos de Deus e a fé em Jesus” (Apoc. 14:12). Nos seus primeiros momentos pós-desapontamento, a redescoberta do Sábado bíblico pelos Adventistas ajudou a restaurar uma brecha aberta na Lei de Deus desde as longas eras da apostasia cristã, acentuada a partir da união da Igreja com o Império Romano. A valorização do Sábado, juntamente com os demais mandamentos, foi considerada um símbolo de lealdade aos preceitos divinos, vindo a ser no futuro profético o sinal de distinção entre a verdadeira e a falsa adoração.

A restauração dos mandamentos de Deus teve lugar no movimento Adventista em correlação com a purificação do santuário celeste, no contexto do conflito final entre Deus e Satanás. A integração entre o Evangelho, a Lei e o juízo

divino deu aos Adventistas um conteúdo profético, cuja proclamação se propaga atualmente em 209 países ao redor do mundo.

Dom profético

O conteúdo profético e o alcance da proclamação Adventista tiveram como sólido alicerce o compromisso inadiável com a autoridade da Palavra de Deus. Subordinado à revelação bíblica, o dom profético exercido no ministério de Ellen G. White desempenhou um papel de confirmação do “pequeno rebanho” nos caminhos traçados pela providência divina.¹⁰

Na fase final do seu ministério, em 1901, Ellen G. White apresentou aos líderes Adventistas uma relevante exortação sobre o seu papel como mensageira de Deus para o povo do Advento. As suas palavras jamais deveriam ser utilizadas isoladamente para justificar opiniões pessoais ou projetos mirabolantes. O seu ministério tinha como objetivo reconduzir a Igreja às claras orientações dos profetas e apóstolos bíblicos. Ela declarou: “Não citeis outra vez as minhas palavras enquanto viverdes, até que possais obedecer à Bíblia. Quando fizerdes da Bíblia o vosso alimento, a vossa comida e a vossa bebida, quando fizerdes dos seus princípios os elementos do vosso caráter, conhecereis melhor como receber conselho de Deus. Enalteço a preciosa Palavra diante de vós neste dia. Não repitais o que eu declarei, afirmando: ‘A irmã White disse isto e a irmã White disse aquilo.’ Descobri o que o Senhor Deus de Israel diz e fazei então o que Ele ordena.”¹¹

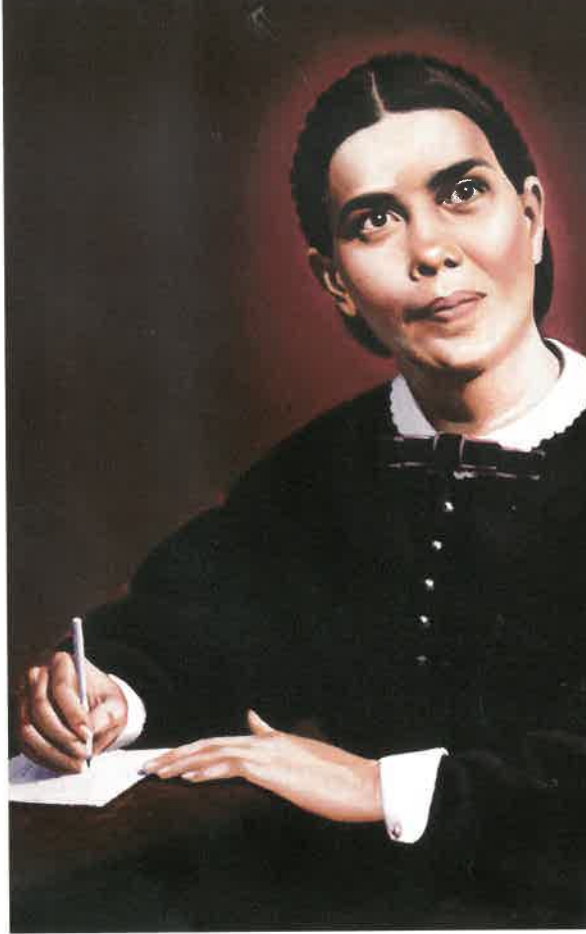
O chamado de Ellen White foi feito enquanto filosofias ateístas eram arquitetadas pelos grandes pensadores do seu tempo e movimentos carismáticos se alastravam no meio evangélico. Descartando

o racionalismo filosófico e o emocionalismo religioso, a mensageira do Senhor lançou uma âncora segura na revelação divina. Em virtude disso, “nenhuma outra pessoa afetou de maneira tão direta o crescimento e a formação da Igreja Adventista do Sétimo Dia, tanto teológica quanto institucionalmente”.¹²

Conclusão

Analisámos brevemente três fatores que fazem do Adventismo um sólido movimento profético, visto que as suas raízes estão profundamente arraigadas em terreno bíblico. Vários outros fatores poderiam ser enumerados para delinear o perfil profético do Adventismo do Sétimo Dia. Estes, porém, já revelam o contraste entre o verdadeiro movimento profético e os movimentos proféticos da moda, movimentos tão distantes entre si como o Céu e a Terra.

Porém, todas essas características proféticas pouco aproveitarão aos Adventistas de hoje, se não forem apropriadas individualmente pela ministração do Espírito Santo. Integrar um movimento profético coloca-nos no caminho da Salvação, quando nos apegamos à Palavra de Deus e a transmitimos na exata medida do conhecimento que nos foi legado. O dom profético é concedido por Deus, conforme a Sua onisciente e soberana vontade, exclusivamente aos servos humildes por Ele determinados. Mas a luz da palavra profética é uma bênção repartida a todo o povo de Deus. “Temos, assim, tanto mais confirmada a palavra profética, e fazeis bem em atendê-la, como a uma candeia que brilha



em lugar tenebroso, até que o dia clareie e a estrela da alva nasça em vosso coração” (II Ped. 1:19). ✍

• Guilherme Silva
Editor-associado da Casa
Publicadora Brasileira

1. http://www.adventist.org/mission_and_service/index.html.en.
2. http://www.adventist.org/world_church/official_meetings/2001annualcouncil/pausen_opening.html.
3. George Knight, *Em Busca de Identidade*, Tatuí, Casa Publicadora Brasileira, 2006, p. 43.
4. Gary Land (ed.), *Adventism in America*, Berrien Springs, Mich., Andrews University Press, 1998, p. 27.
5. Bíblia Online 3.0., Brueri, SP, Sociedade Bíblica do Brasil, 1 CD-ROM.
6. Ellen G. White, *Cristo em Seu Santuário*, 2 ed., Santo André, SP, Casa Publicadora Brasileira, 1984, p. 95.
7. Normam Gulley, *Christ is Coming*, Hagerstown, Review and Herald, 1998, p. 434.
8. Ellen G. White, *Nos Lugares Celestiais*, Santo André, SP, Casa Publicadora Brasileira, 1968, p. 359.
9. Angel Manuel Rodríguez, *Fulgores de Glória*, Buenos Aires, Asociación Casa Editora Sudamericana, 2001, p. 134.
10. Alberto Timm, *O Santuário e as Três Mensagens Angélicas*, Engenheiro Coelho, Imprensa Universitária Adventista, 1998, p. 134.
11. Ellen G. White, *Mensagens Escolhidas*, vol. 3, Tatuí, SP, Casa Publicadora Brasileira, p. 33.
12. Herbert E. Douglass, *Mensageira do Senhor*, Tatuí, Casa Publicadora Brasileira, 2001, p. xvi.

Israel na profecia

A Bíblia, na sua totalidade, fala acerca do povo de Israel. Nos meios cristãos, o termo “Israel” reencaminha, quase automaticamente, para a Igreja. Pensa-se, na maior parte do tempo, que, tendo a Igreja tomado o lugar do povo judeu¹ há já 2000 anos, os textos bíblicos não dizem respeito senão a ela. No entanto, os textos da Bíblia hebraica – o Antigo Testamento para os Cristãos – não são os únicos a falar de Israel. O Novo Testamento também o faz, em particular os textos redigidos pelos apóstolos.

Para além dos relatos que nos trazem a história do povo judeu, vários textos bíblicos falam de Israel em termos proféticos. Isto quer dizer que colocam a ênfase sobre o papel deste povo no fim dos tempos, bem após a primeira vinda de Jesus. É o caso de Daniel 9 e das 70 semanas no Antigo Testamento.² Podemos pensar que é deste texto que Paulo propõe uma interpretação, na sua epístola aos Romanos, nos capítulos 9 a 11.³ O próprio Jesus cita Daniel 9, segundo o relato que Mateus, no capítulo 24, nos transmite do Seu discurso: “Quando, pois, virdes que a abominação da desolação, de que falou o profeta Daniel, está no lugar santo; quem lê, entenda.”⁴ Esta referência de Jesus a Daniel certamente chamou a atenção dos primeiros Cristãos sobre estas profecias.

O estudo destes textos suscita algumas questões, nomeadamente sobre o futuro de Israel. Considerando o facto de que uma nova era, uma “nova aliança”, começa com Jesus, qual é o futuro de Israel? O apóstolo Paulo responde sem ambiguidade: Quanto a ele, Deus não rejeitou o “seu povo”. Esta formulação mostra que, para Paulo, que escreve bem depois da vinda de Jesus, Israel é ainda o povo de Deus.⁵ Algumas pessoas avançaram a ideia de que Paulo fala aqui dos Judeus enquanto indivíduos e não enquanto povo. Mas não creio que seja assim. A sua afirmação no versículo 29 é testemunha de que não é assim: “Porque os dons e a vocação de Deus são irrevogáveis.”

Portanto, sendo assim, para o apóstolo Paulo, Israel não foi rejeitado no fim das 70 semanas de

Daniel 9, mas foi posto de lado durante um certo tempo, a fim de se dar aos Gentios a possibilidade de conhecerem Jesus, o Messias, e de tomarem parte na Salvação que Ele propõe: “Porque, se a sua rejeição é a reconciliação do mundo, qual será a sua admissão, senão a vida de entre os mortos?”⁶ Se Paulo fala de uma nova admissão, é porque o povo de Deus não foi rejeitado. Se tal tivesse sido o caso, não poderia haver nova admissão. Assim, falando desta maneira, ele confirma as numerosas profecias que se encontram na Bíblia hebraica, de que a *Torah* é a componente principal. Paulo, enquanto doutor da lei (“Torah”, em hebreu) conhecia bem esses textos.

Entre as profecias acerca de Israel, a do livro de Deuterónimo é particularmente importante: “E o Senhor vos espalhará entre os povos, e ficareis poucos em número entre as gentes, às quais o Senhor vos conduzirá. E ali servireis a deuses que são obra de mãos de homens, madeira e pedra, que não veem nem ouvem, nem comem nem cheiram. Então dali buscarás ao Senhor, teu Deus, e o acharás, quando o buscares de todo o teu coração e de toda a tua alma. Quando estiveres em angústia, e todas estas coisas te alcançarem, então, no fim de dias, te virarás



para o Senhor, teu Deus, e ouvirás a sua voz. Porquanto o Senhor, teu Deus, é Deus misericordioso; e não te desampará do concerto que jurou aos teus pais.”⁷

A dispersão de Israel não é um acidente da História, ela foi profetizada por Deus. Mas esta dispersão não será permanente; o povo de Israel regressará à sua terra. Mais ainda, ele regressará para Deus, ele escutará a Sua voz e Deus não o abandonará, não se esquecerá da aliança feita com os pais (os patriarcas). Esta não é apenas uma profecia, mas também uma promessa que Deus faz ao “seu povo”. Ela junta-se ao que Isaías disse a Israel: “Porque as montanhas se desviarão e os outeiros tremerão; mas a minha benignidade não se desviará de ti e o concerto da minha paz não mudará, diz o Senhor, que se compadece de ti.”⁸

Portanto, podemos dizer, quanto a Israel na profecia, que esta é, antes de mais, a confirmação divina de que a aliança com Israel não será jamais quebrada. Ela é também o anúncio de que, um dia, este povo será “reintegrado”, que voltará para Deus e escutará a Sua voz. O profeta Oseias anuncia que “os filhos de

Israel ficarão por muitos dias sem rei e sem príncipe, e sem sacrifício e sem estátua [monumento que servia de altar], e sem *éfod* [veste sacerdotal] ou *terafim* [estatuetas]. Depois, tornarão os filhos de Israel, e buscarão ao Senhor, seu Deus, e a David, seu rei; e temerão ao Senhor, e à sua bondade, no fim dos dias.”⁹ Eles regressarão para Deus e também para David – rei de Israel que incarna a figura simbólica do Messias. Isto significa que, num determinado momento da sua História, Israel voltará para Deus e para o Messias.

Uma outra profecia sugere o mesmo processo, mas, desta vez, Israel é impulsionado pelo Espírito de Deus. Deus diz: “E sobre a casa de David, e sobre os habitantes de Jerusalém, derramarei o Espírito de graça e de súplicas; e olharão para mim, a quem trespassaram; e o prantearão, como quem pranteia por um unigénito; e chorarão amargamente por ele, como se chora amargamente pelo primogénito.”¹⁰ Esta profecia diz respeito a um tempo posterior à vinda de Jesus e ao termo das 70 semanas de Daniel 9. Neste tempo profético, o próprio Deus intervirá. É Ele que

insuflará o Seu Espírito no povo de Israel e que lhe permitirá reconhecer Aquele que eles “trespasaram” como sendo um “unigénito”, e eles “chorarão amargamente por Ele”. Isto designa um ato de contrição e de arrependimento sem precedentes na história do povo de Israel.

Afinal, esta profecia não está já no processo de se cumprir, através de centenas de milhares de Judeus que, por toda a parte no mundo, voltam o seu olhar para Jesus e o aceitam como Messias? 🌿

• **Richard Elofer**

Diretor do Centro Mundial de Amizade Judeo-Adventista

1. É a teologia da substituição, que consiste em se pensar que a missão inicialmente confiada ao povo de Israel passou para os Cristãos quando da morte de Jesus. Esta missão tem por objetivo dar a conhecer Deus a todo o mundo.
2. A interpretação de Daniel 9 é dupla. Por um lado, o texto anuncia a vinda do Messias após o regresso do exílio do povo hebreu que, nesta época, estava retido no cativeiro em Babilónia. Pode-se igualmente avançar a tese de que esta profecia tem um alcance escatológico, isto é, que ela diz respeito à história do povo de Israel no fim dos tempos, e anuncia a Segunda Vinda do Messias – o regresso de Cristo para os Cristãos. As 70 semanas representam, nos dois casos, a demora simbólica em que estes acontecimentos se devem cumprir.
3. Não nos esqueçamos de que os primeiros Cristãos, que eram Judeus, liam os textos da Bíblia hebraica e os conheciam muito bem.
4. Mateus 24:15. Referência direita a Daniel 9:27; 11:31; 12:11.
5. Romanos 11:1 e 2.
6. Romanos 11:15.
7. Deuteronomio 4:27-31.
8. Isaías 54:10.
9. Oseias 3:4 e 5.
10. Zacarias 12:10.



Domingos sem trabalho para os cidadãos da UE

■ Liviu Olteanu

A Aliança Europeia para o Domingo (*European Sunday Alliance*), juntamente com alguns membros do Parlamento Europeu, promoveu neste Parlamento, em Bruxelas, no dia 21 de janeiro, a Segunda Conferência destinada a enfatizar a importância de um domingo sem trabalho. Cerca de 120 participantes, vindos de muitos países da UE, sublinharam a importância de se estabelecer um domingo sem trabalho em todo o território da UE.

O mote oficial da Conferência foi: *“Domingos sem trabalho e trabalho decente na UE. O que podem os membros do Parlamento Europeu fazer para promover esta ideia?”* A atenção focou-se nos aspetos do equilíbrio entre a vida, por um lado, e o trabalho e a coesão social, por outro, de modo a “termos o tempo livre determinado por lei ao mesmo tempo”. Toda esta campanha está baseada, segundo as intervenções dos participantes, na “proteção da saúde dos cidadãos da UE”, na promoção de “horários de trabalho decentes”, “no respeito pela família e pela vida privada” e no desejo de “vivermos a vida juntos”.

A Aliança Europeia para o Domingo (AED) é uma rede de: (a) Alianças Nacionais para o Domingo de vários países europeus (A Áustria e a Alemanha são os principais fundadoras da AED; recentemente outras organizações e Igrejas começaram a envolver-se, provenientes de países como a Eslováquia, a Itália, a Espanha, a Bélgica, a Polónia, a Suíça, a República Checa, a Eslovénia, a Holanda, a Roménia, a Estónia, a França, a Grécia, a Hungria, o Reino Unido, etc); (b) Comunidades religiosas (Igreja Católica, diferentes Igrejas Protestantes e Ortodoxas, e outras); (c) Sindicatos; (d) Organizações da sociedade civil; (e) Alguns membros do Parlamento Europeu muito empenhados em alcançar este objetivo.

Liviu Olteanu, diretor do Departamento de Assuntos Públicos e Liberdade Religiosa da Divisão Inter-Europeia, que esteve presente na Conferência da Aliança Europeia para o Domingo, no Parlamento Europeu, em Bruxelas, afirmou que, antes da Conferência por um “domingo sem trabalho” ter terminado, muitos membros do Parlamento

Europeu assinaram, de modo público e oficial, o seu compromisso preparado pela Aliança Europeia para o Domingo e designado “Compromisso a favor de um domingo sem trabalho e de trabalho decente a estabelecer antes das eleições europeias de 2014”.

No começo do documento estava escrito: “Um domingo sem trabalho e horários laborais decentes são de suprema importância para os cidadãos e os trabalhadores espalhados por toda a Europa e não estão necessariamente em conflito com a competitividade económica. Especialmente na presente época de crise sócio-económica, a adoção de legislação que alargue os horários laborais até abrangerem as horas noturnas, os feriados e os domingos tem consequências diretas para a capacidade de trabalho dos empregados e para as pequenas e médias empresas. A competitividade exige inovação, a inovação exige criatividade e a criatividade exige recreação!”

O Compromisso proposto pela Aliança Europeia para o Domingo afirma o seguinte: “Enquanto membro atual ou futuro do Parlamento Europeu, comprometo-me a (1) assegurar que toda a legislação relevante da UE respeita e promove a proteção de um dia semanal comum de repouso para todos os cidadãos da UE, que será, em princípio, o domingo, de modo a proteger a saúde dos trabalhadores e a promover um melhor equilíbrio entre a vida da família e a vida privada, por um lado, e o trabalho, por outro lado; (2) promover legislação na UE que garanta padrões de horário laboral sustentáveis, baseados no princípio da promoção de trabalho decente que beneficie a sociedade, bem como a economia no seu todo.”

Foi também estabelecido que o dia 3 de março passe a ser o Dia Internacional do Domingo Sem Trabalho.

Perante esta situação, a Igreja Adventista do Sétimo Dia pedirá ao Parlamento Europeu e à Comissão Europeia que não interfira, através de iniciativas legislativas, em assuntos relacionados com a liberdade religiosa e com a liberdade de consciência, propondo ou aceitando leis que afetem a liberdade religiosa e as minorias religiosas.

Os membros da Igreja Adventista do

Sétimo Dia da Divisão Inter-Europeia são convidados a orar e a agir com sabedoria, fazendo pressão a todos os níveis para que os seus direitos, as suas liberdades e o seu dia de descanso, o Sábado, sejam respeitados. Pede-se aos crentes da Igreja Adventista do Sétimo Dia que orem pelos seus representantes internacionais, regionais e nacionais, pelos legisladores europeus e também pelos legisladores dos Estados membros.

Conferência da European Sunday Alliance pressiona para obter domingo sem trabalho na UE

■ Paulo Sérgio Macedo

A Igreja Adventista do Sétimo Dia tem estado atenta à tentativa, por parte da Aliança Europeia para o Domingo, de suscitar legislação que imponha o domingo como dia de descanso em toda a Europa e tem demonstrado a sua preocupação com as consequências deste tipo de legislação sobre as minorias religiosas, neste caso aquelas que têm outros dias de descanso e de observância religiosa que não o domingo. No passado recente, tendo contactado os deputados portugueses ao Parlamento Europeu, a Igreja Adventista do Sétimo Dia viu ser-lhe respondido que o princípio vigente na União Europeia quanto a horários de trabalho é o da subsidiariedade, pelo que tal seria competência dos Estados e não da União Europeia. Foi-lhe também dito que existem decisões judiciais ao nível europeu que se sobrepõem à promoção desses projetos legislativos, por não considerarem provado ser o domingo um dia diferente ou melhor do que qualquer outro para o descanso dos trabalhadores. A própria instituição que promove esta ação é praticamente

desconhecida ou tem pouca relevância no nosso país e esta Conferência não contou com a presença de deputados portugueses.

No entanto, no momento de crise que vivemos e com a atenção redobrada que as questões de família e sociedade têm no espaço europeu, um impulso recente tem sido sentido quanto a esta questão, em especial pela aproximação das eleições para o Parlamento Europeu. Esse

impulso faz-se sentir particularmente em países do Centro da Europa, países em que, inclusivamente, existem já grandes limitações à atividade laboral e comercial realizada ao domingo.

Em Portugal, dando seguimento ao que tem vindo a ser feito, a União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia continuará a sensibilizar as autoridades nacionais para a necessidade de respeitar os superiores e fundacionais

direitos humanos, em que se inclui o direito de liberdade de consciência, culto e religião, que, no caso Adventista do Sétimo Dia, pressupõe como crucial o direito de descanso e adoração no dia de Sábado. Estamos, neste momento e na sequência da notícia da realização desta conferência e do compromisso dela saído, a considerar a possibilidade de, novamente, nos dirigirmos institucionalmente aos presentes e/ou fu-

turos deputados portugueses ao Parlamento Europeu.

Que possamos viver os tempos que se nos apresentam tendo presentes as inspiradas palavras de Paulo: "Porque Deus não nos deu o espírito de temor, mas de fortaleza, e de amor, e de moderação" (II Timóteo 1:7).

Paulo Sérgio Macedo
Dep. de Liberdade Religiosa
e Assuntos Públicos
da UPASD

Adventistas partilham mensagem de esperança num momento de crise política na Ucrânia

ANN/Ad7/RA

Um evento evangelístico realizado pela Igreja Adventista do Sétimo Dia na Ucrânia prossegue, apesar do aprofundamento da crise política neste país da Europa Oriental.

Mais de 150 colportores, médicos missionários e pastores estão em Kiev, a capital da Ucrânia, para atender às necessidades físicas e espirituais dos residentes. A campanha "Kiev: Cidade da Esperança" oferece aconselhamento para se deixar de fumar, apoio para o abandono do alcoolismo, prevenção da diabetes, educação para a saúde e serviços oftalmológicos. Os Adventistas estão também a realizar concertos de música cristã e a distribuir livros e convites para um estudo mais aprofundado da Bíblia. Milhares de residentes visitaram quiosques de alimentação saudável e centenas inscreveram-se para estudar a Bíblia.

Entretanto, Viktor Alekseenko, presidente da Igreja Adventista do Sétimo Dia na Ucrânia, está a reiterar o apelo para que os Adventistas orem pelo seu país e evitem provocar qualquer tipo de hostilidade, tanto nas ruas, como nos meios de comunicação social. "Pelo contrário, encorajem as pessoas a resolverem o conflito de forma pacífica", disse Alekseenko. Ele acrescentou que os Adventistas devem procurar encontrar meios para expressar as suas posições civis e políticas no interior dos limites da lei e do respeito pelos direitos individuais.

Meses de manifestações em larga escala na Ucrânia levaram a confrontos violentos entre manifestantes e a polícia. A oposição apelou à intervenção da comunidade internacional, segundo a BBC. Os manifestantes continuam a

apelar para que o Presidente Viktor Yanukovich abandone o poder e para que se estabeleçam laços mais estreitos com a União Europeia. Os conflitos na Ucrânia começaram em novembro, quando Yanukovich se recusou a assinar um acordo comercial com a União Europeia, de modo a receber um empréstimo da Rússia. Nenhum Adventista foi preso ou ferido durante as manifestações, disseram os líderes da Igreja ucraniana. Segundo estes, os serviços de culto têm prosseguido sem interrupção nas 25 congregações Adventistas existentes em Kiev.

A campanha "Kiev: Cidade da Esperança" prossegue até março e culmina numa série de palestras evangelísticas que durará dez dias. Existem perto de 52 000 Adventistas na Ucrânia, contando-se 900 igrejas e 300 grupos.

NOTÍCIAS NACIONAIS

VIII Encontro do Departamento dos Ministérios da Criança da UPASD

Ad7News/RA

Responsáveis pelos Ministérios da Criança, pais e alguns dirigentes de jovens receberam formação em vários temas, como: *Bullying*, prevenção do abuso infantil

ou estratégias de envolvimento das crianças em serviços para a comunidade. Perante temas tão emergentes na sociedade portuguesa como são os problemas e as dificul-

dades que rodeiam os mais pequenos, o Departamento dos Ministérios da Criança realizou durante o fim de semana que decorreu entre 7 a 9 de fevereiro, no CAOD, o

VIII Encontro Nacional dos Ministérios da Criança. Estiveram presentes 34 pessoas, maioritariamente associadas ao trabalho dos Ministérios da criança. Como convidados



estiveram presentes Saustin Mfune, Diretor-Associado do Departamento dos Ministé-

rios da Criança da Conferência Geral, Corinne Lanquetuit, Executiva na *Adventist Risk Management* e especialista em questões de segurança, e ainda Elsa Cozzi, Diretora do Departamento dos Ministérios da Criança na EUD.

O tema escolhido foi “Viver + a segurança da Adoração”, tendo-se proporcionado a todos os participantes conheci-

mentos em temas tão atuais como o *Bullying*, a prevenção contra o abuso infantil ou mesmo a necessidade de que os Ministérios da Criança sejam um lugar seguro. Samuel de Abreu, Diretor-Associado dos Ministérios da Criança, considerou esta atividade como fundamental, uma vez que é “fácil haver algum tipo de abuso ou permitir que outras pessoas

venham e possam, de alguma forma, molestar crianças, seja de forma física, psicológica ou, mesmo, da forma que tememos mais, a forma sexual”. Ainda que em Portugal não exista esta realidade dentro das igrejas, Samuel de Abreu considera que “nós, como comunidade, devemos preparar-nos e prevenir antes que ela aconteça”.

Revista *Diálogo Universitário*

■ **Tiago Alves**

Criada em 1989, a *Diálogo Universitário* é uma revista internacional de fé, pensamento e ação, publicada pela AMiCUS (*Adventist Ministry to College and University Students*), em cooperação com as divisões mundiais da Igreja Adventista do Sétimo Dia. A missão da *Diálogo Universitário* é proporcionar aos seus leitores, universitários ou outros, oportunidades de fortalecerem a sua fé e de aprofundarem o seu compromisso com Cristo, com a Bíblia e com a missão do movimento Adventista. Os temas apresentados procuram dar respostas bíblicas a assuntos atuais e pertinentes referentes às artes, às ciências humanas, à

filosofia, à religião e às ciências físicas, além de apresentarem modelos práticos de serviço cristão. A *Diálogo Universitário* é publicada três vezes por ano, em quatro edições paralelas – Inglês, Francês, Português e Espanhol. Com uma circulação de 30 000 exemplares por edição, a *Diálogo Universitário* tem leitores em mais de 100 países. Esta revista é dirigida a estudantes pré-universitários e universitários, professores, capelães e profissionais Adventistas do Sétimo Dia ao redor do mundo.

Durante muitos anos a União Portuguesa adquiriu estas revistas, que eram enviadas para as igrejas para serem

distribuídas pelos universitários. Esta não era, no entanto, a forma mais eficaz de fazer chegar esta importante ferramenta a todos os possíveis interessados. Além disso, o número de revistas disponíveis também não era muito grande. Assim, o Departamento de Educação da UPASD e a AUA (Associação de Universitários Adventistas) têm disponibilizado e continuarão a disponibilizar no Blogue da AUA, em auapt.blogspot.pt os últimos e os próximos números desta revista, em suporte PDF. Pode, por isso, consultar estas revistas e recomendar a consulta aos pré-universitários, universitários e outros interes-

sados da sua igreja e dos seus círculos de influência. Poderá ainda visitar o web site, em dialogue.adventist.org, onde encontrará alguns artigos de edições anteriores. Sim, é perfeitamente racional acreditar na existência de um Deus Criador, Mantenedor e Redentor, e a *Diálogo Universitário* ajudará, certamente, aqueles que a leem a fortalecerem esta convicção. Que Deus abençoe e guie os universitários Adventistas e que o ano de 2014 seja para estes uma oportunidade de “Viver + a Missão”.

Tiago Alves,
Diretor do Departamento de
Educação da UPASD

I Encontro de Delegados e Voluntários da ADRA Portugal

■ **Ad7news/RA**

A ADRA Portugal deu um passo muito importante para a consolidação e o desenvolvimento das delegações locais em Portugal. Cerca de 60 pessoas, representando

25 delegações de diferentes regiões do país, reuniram-se na Quinta da Fonte Quente, na Tocha, durante os dias 25 e 26 de janeiro, para receber formação, partilhar ideias e aprender a enquadrar todo o serviço social no âmbito do Plano Estratégico da Igreja Nacional.

João Carlos Martins, Diretor executivo da ADRA Portugal, apresentou a ideia de que este ano, a nível nacional, a ADRA continuará a reforçar e a capacitar as delegações, para que elas sejam cada vez mais relevantes nas comunidades onde estão presentes. A ní-

vel internacional, a ideia será apoiar nas catástrofes que forem surgindo, não esquecendo os parceiros já existentes em São Tomé e Príncipe e também em Timor Leste.

Joerg Fehr, Diretor executivo da ADRA EUD, tam-

bém esteve presente neste encontro, dando a conhecer a grande missão da ADRA, bem como a visão mundial desta instituição não-governamental face às muitas situações de emergência em todo o mundo. Os participantes receberam formação para poderem organizar corretamente cada delegação local, bem como organizar anualmente a Campanha da ADRA. Cármen Maciel e Paulo Gomes foram igualmente formadores neste I Encontro de Delegados e Voluntário da ADRA Portugal.



Inauguração da igreja Adventista em Póvoa de Santa Iria

Ad7News/RA

A Igreja Adventista do Sétimo Dia conta com mais um espaço para louvor e adoração. Na Póvoa de Santa Iria existe presença Adventista desde 1990. Desde essa data, os membros e as visitas reuniam-se num pequeno aparta-

mento para celebrar o culto divino. Passados estes anos, pelo poder do Espírito de Deus, este grupo foi crescendo, tendo hoje cerca de 45 membros inscritos. No entanto, ao Sábado reúnem-se mais de 50 pessoas, contando-se com as

visitas e os interessados na mensagem. Com esforço, dedicação, oração e súplicas ao Senhor, o grupo da Póvoa de Santa Iria, dirigido pelo pastor de referência, Enoque Nunes, e pelo promotor bíblico, Eurico Vidro, encontrou um espa-

ço condigno para a realização dos seus serviços religiosos.

Hoje é possível visitar o grupo da Póvoa de Santa Iria na Praceta Jaime Cortesão, nº 1, sempre que o povo de Deus se reúne aos Sábados para prestar louvor e adorar o nosso Criador.

Batismos na igreja Adventista em Sangalhos

Ad7News/RA

Existe alegria no Céu quando um pecador se entrega a Jesus! A 23 de novembro de 2013, na igreja Adventista de Sangalhos, viveram-se

momentos felizes e de festa espiritual, ao serem recebidos cinco novos membros por meio do batismo: Mercedes Martins, Vítor Oliveira, Glória Miranda, Mariana Calado e Rute Mendes. Como resultado de um trabalho conjunto desenvolvido pelo pastor, pelo obreiro Carlos Aires e pelos anciãos da igreja, estes cinco crentes foram instruídos nos princípios bíblicos e conduzidos às águas batismais pelo pastor Sidónio Lança. A cerimónia foi enriquecida com hinos de louvor e com os testemunhos dos novos membros. Glória seja dada a Deus, pois apenas Ele pode tocar o coração, transformá-lo e levá-lo a tomar a decisão da entrega a Cristo.

Batismos na igreja Adventista em Braga

Mário Macedo

Foi no dia 21 de dezembro de 2013, pelas 16 horas, que cinco jovens (Igor, Daniel e Gilda, da igreja de Braga, Maria de Fátima Barbosa e Lorrane, da igreja de Viana do Castelo) entregaram a sua vida a Jesus. A cerimónia teve lugar na belíssima igreja de Braga, onde os cinco jovens desceram às águas batismais. Foi dirigida pelo pastor Albino Vieira, sendo que a igreja estava repleta de visitas, a maioria das quais familiares dos jovens. Muitas destas pessoas nunca tinham entrado numa igreja Adventista e, conseqüentemente, nunca tinham assistido a um batismo. Agradece-



mos ao nosso Deus e louvamos o Seu nome pela simplicidade com que decorreu a cerimónia e pelas melodias tocadas e cantadas. Temos a certeza de que este foi um dia marcante, não só para os jovens batizados, mas também para aqueles que assistiram ao seu batismo.

Descansou no Senhor – Funchal

Rui Bastos / Paulo Tito e Eunice Falcão



No dia 28 de novembro de 2013 descansou no Senhor a irmã América Nunes. Tinha 78

anos, boa parte dos quais vividos enquanto cristã dedicada ao Senhor e à sua congregação, a igreja do Funchal. A irmã América foi uma ativa dirigente de jovens na Madeira. O carinho e a alegria que demonstrava quando se relacionava com os mais jovens marcou de maneira positiva várias gerações. A cerimónia fúnebre foi realizada no Sábado, dia 30 de novembro,

contando com a presença do pastor Enoque Nunes, filho da falecida, e do pastor Rui Bastos, responsável pela igreja do Funchal. Compareceram no funeral os irmãos das igrejas da Madeira, além de muitos amigos que vieram mostrar a sua solidariedade à família. Os familiares da irmã América, embora sentindo já a saudade, encontram-se confiantes nas promessas de Jesus e aguardam com esperança o reencontro no dia da ressurreição. “Bem-aventurados os mortos que, desde agora, morrem no Senhor. Sim, diz o Espírito, para que descansem

das suas fadigas, pois as suas obras os acompanham” (Apocalipse 14:13).

Rui Bastos, pastor da IASD Funchal

A pessoa de América Nunes evoca em nós uma grata recordação dos tempos que passámos na “Pérola do Atlântico”, há quatro décadas, onde tivemos a felicidade de trabalhar durante quatro anos, servindo o Senhor no seio das nossas comunidades. Esta singela homenagem que lhe rendemos aqui é um gesto de gratidão por tudo o que ela fez, não só pela igreja do Funchal, mas também pelo nosso lar e pela nossa filha Raquel, que tinha então dois anos. Quem é que não sente o pesar pelo desaparecimento de

América Nunes, dada a grande convivência que tinha com todos, chegados ou afastados, de perto ou de longe, como modelar esposa, mãe e crente que foi? Sempre contente, feliz, bem-disposta. Sempre disponível para toda a obra útil, dentro ou fora da casa de Deus. Sempre de bom humor, com os seus ditos de graça sadia. Sempre com uma palavra afável, amiga, encorajadora para com os seus amigos e os seus irmãos de fé. Oh Madeira, acabas de perder uma pérola rara do teu tesouro! Veste-te de luto por muito tempo! Na sua morte, América Nunes deixa uma herança acreditada pelo Céu, da qual todos beneficiarão.

Paulo Tito Falcão e Eunice Falcão
Obreiros reformados

CONFERÊNCIAS PÚBLICAS

3-10 de MAIO de 2014

PARA ALÉM DA IMAGINAÇÃO

Na grandeza do Universo,
na beleza da vida,
na dádiva de um sentido...

... o Amor revela-Se.

ENVOLVA-SE neste projeto!

CONVIDE

a sua família,
os seus amigos
e conhecidos!



IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA



Quando os anjos não servem

O Novo Testamento é claro: Jesus era sem pecado. “Àquele que não conheceu pecado, [Deus] o fez pecado por nós, para que nele fôssemos feitos justiça de Deus” (II Cor. 5:21). Jesus tinha que ter um registo perfeito no que toca à Lei de Deus, para que, na Sua impecabilidade, Ele pudesse expiar as nossas transgressões da Lei. A Sua obediência é-nos creditada pela fé e o Seu registo perfeito de observância da Lei torna-se nosso à vista de Deus. Isto é a essência da justificação pela fé.

Mas, embora a impecabilidade de Jesus fosse uma condição *necessária* para que Ele pudesse ser o nosso Salvador, ela não era *suficiente*. Um ser apenas sem pecado não seria suficiente para resolver o nosso problema, mesmo que esse ser morresse por nós, como o fez Jesus.

Ellen White escreveu: “Os anjos, como inteligentes mensageiros divinos, achavam-se sob o jugo da obrigação; nenhum sacrifício pessoal deles poderia expiar a culpa do homem caído. Somente Cristo estava livre dos reclamos da Lei para empreender a Redenção da raça pecadora” (*Testemunhos para a Igreja*, CPB, 2003, vol. 4, pp. 120 e 121). Os anjos, embora sem pecado, eram seres criados, ainda sob “o jugo da obrigação.” Eles eram responsáveis diante das exigências da Lei. Ao contrário de Cristo, eles não estavam em igualdade com a Lei, ou acima dela, porque, diferentemente de Cristo, eles não são divinos, eles não são Deus. Jesus, claro está, é.

De onde se conclui que, apenas Cristo, diferentemente de anjos sem pecado ou de um outro ser humano sem pecado, podia “empreender a

Redenção da raça pecadora”. Como o Grande Legislador, como Aquele que criou a Lei, Jesus estava livre das suas exigências, porque Ele estava acima da Lei. Apenas como Deus, apenas enquanto Alguém igual a Deus, podia Cristo cumprir as exigências absolutas dessa Lei.

Pense no que isto nos diz acerca da sacralidade da Lei, se, de facto, apenas o próprio Senhor podia cumprir as suas exigências. Um ser criado e sem pecado, por mais exaltado que fosse, por mais santo que fosse, por mais fiel à Lei que fosse, não bastaria. Se todos os anjos no Céu se oferecessem para morrer pelos nossos pecados, todos eles juntos não poderiam expiar uma única transgressão humana. A Lei é tão santa, tão sagrada, tão exaltada, que apenas Aquele que criou a Lei, Jesus, podia cobrir os pecados daqueles que violaram essa Lei.

Citando novamente Ellen White: “Uma vez que a Lei divina é tão sagrada como o próprio Deus, unicamente um Ser igual a Deus poderia fazer expiação pelas suas transgressões. Ninguém, a não ser Cristo, poderia redimir o homem caído da maldição da Lei, elevá-lo novamente à harmonia

com o Céu. Cristo tomaria sobre Si a culpa e a infâmia do pecado – pecado tão ofensivo a um Deus santo que deveria causar separação entre o Pai e o Filho. Cristo atingiria as profundidades da miséria para libertar a raça que tinha sido arruinada.” (*Patriarcas e Profetas*, Publicadora SerVir, 2006, p. 41). É simples: a Lei é tão sagrada quanto Deus; portanto, apenas um Ser tão sagrado quanto Deus pode fazer expiação pela transgressão da Lei. Os anjos, embora sem pecado, não são tão sagrados quanto o seu Criador, pois como poderia algo criado ser tão sagrado quanto Aquele que o criou? Não admira, pois, que repetidamente as Escrituras ensinem que Cristo é Deus.

O sacrifício de Cristo centra-se na sacralidade da Lei de Deus. Foi por causa da Lei, ou, mais precisamente, por causa da transgressão da Lei (porque sem a Lei não pode haver transgressão [veja Rom. 7:7]), que Jesus teve que morrer por nós para que fôssemos salvos. No jardim, Jesus orou: “Meu Pai, se é possível, passa de mim este cálix; todavia, não seja como eu quero, mas como tu queres” (Mat. 26:39). Obviamente, não era possível que o cálice passasse – não se os humanos devessem ser salvos. Quão sério, quão mortífero, quão perturbador, quão maligno deve ser o pecado, de modo a que apenas o autossacrifício do próprio Deus poderia resolver o problema?! E o pecado é tão mão, tão maligno, porque a Lei de Deus é tão sagrada, tão boa. A seriedade do pecado é melhor apreendida no sacrifício infinito necessário para o expiar; esta seriedade fala-nos, ela mesma, sobre a sacralidade da Lei. Se a Lei é tão santa que apenas o sacrifício do próprio Deus podia satisfazer as suas exigências, temos todas as provas de que precisamos para demonstrar quão exaltada é a Lei. ✦

• **Clifford Goldstein**

Editor do Manual de Estudo da Escola Sabatina

Esboço de caráter

Rebelião, juízo e um bando de músicos

“A misericórdia e a verdade se encontraram, a justiça e a paz se beijaram” (Salmo 85:10).

“**P**ode-se argumentar que o Deus do Velho Testamento tem um caráter dos mais desagradáveis”, escreve Richard Dawkins.¹ Dawkins afirma assim, implicitamente, que Deus é pior do que ditadores, tais como Adolf Hitler, Joseph Stalin, Ho Chi Min e Saddam Hussein. Diga-se a verdade que, tanto para um observador casual como para o crente, as ações de Deus parecem, por vezes, ser paradoxais.

Como reconciliarmos a imagem de um Deus de amor com a narração sobre um Deus que fez com que todo o mundo fosse engolido pelo Dilúvio (Gén. 6-9), que cidades fossem incineradas (Gén. 19:24-29), que nações inteiras fossem aniquiladas (Deut. 7:1 e 2; 20:16) e que pragas viessem sobre os desobedientes (Êxo. 7-11)? Existem ainda outros exemplos de punição severa. Muitas vezes, as Escrituras descrevem casos de desrespeito por um mandamento que são seguidos por uma sentença de morte: não observar o Sábado (Núm. 15); blasfemar (Lev. 24:10-14), mentir (Atos 5), cometer imoralidade sexual (Núm.

25:6-13), praticar a idolatria (Êxo. 34:24-27) e cobiçar (Jos. 7). O que devemos pensar quando o Deus de amor diz “mata!” (Êxo. 32:26 e 27)? Ezequiel afirma que Deus “não tem prazer na morte do ímpio” (Eze. 33:11) e Isaías chama a estes atos de Deus a Sua “estranha obra” (Isa. 28:21).

Como podemos, então, relacionar a imagem de um Deus de amor e graça com a narração sobre um Deus que aplica a sentença do juízo? Algumas pessoas sentem que, como uma túnica branca manchada de sangue, o caráter de Deus é manchado quando Ele mata os ímpios.²

O Salmo 87 é o texto do Velho Testamento de pensamento mais arrojado no que toca a incluir os Gentios no Reino de Deus.



A rebelião de Coré

A história de Coré e dos seus companheiros é um outro exemplo da “estranha obra” de Deus. A rebelião de Coré adveio tanto de uma falta de fé na providência de Deus como de uma rejeição da Sua suprema autoridade sobre todas as coisas (Sal. 106:15-18). Quando Deus conduziu os filhos de Israel para fora do Egito, Ele pretendia que os primogênitos de cada família servissem como sacerdotes do santuário (Êxo. 13:2; 19:6).

Após o desastre do bezerro de ouro, Deus autorizou que apenas os Levitas fossem sacerdotes (Núm. 3:12), dividindo os deveres sacerdotais entre as quatro famílias de Levi: Aarão, Coath, Merari e Gerson (Núm. 3:17, 38; I Cró. 23:12 e 13). Deus atribuiu a posição mais exaltada a Aarão, preferindo Coath (Êxo. 28:1; Núm. 17:1-10). Além do mais, Coath e a sua família tinham que ser supervisionados por Eleazar, um filho de Aarão (Núm. 3:32).

A vacilante liderança de Aarão (cf. Êxo. 32) e a blasfêmia dos seus filhos (Lev. 10:1-10) deixou dúvidas na mente de Coré quanto à sabedoria de existir um sacerdócio aaraónico. O castigo representado pelos quarenta anos de errância e de morte no deserto, devido à infidelidade do povo em Cades (Núm. 13:26-14:34), aumentou ainda mais o descontentamento de Coré.

Coré encontrou simpatizantes em Datan e Abiram, da tribo de Rúben, a quem desagradava o do-

mínio que Moisés e Aarão tinham sobre eles (Núm. 16:1). Não há dúvida de que Datan e Abiram insistiam em lembrar que Rúben tinha sido o primogênito de Jacob (Gén. 35:23) e devem ter sentido que todas as tribos deveriam estar sob a sua jurisdição.

Coré compreendia as consequências de se revoltar contra Deus. Enquanto Levita, ele tinha efetivamente aplicado o juízo de Deus sobre os adoradores do bezerro de ouro (Êxo. 32:26-28) e tinha testemunhado a destruição dos infiéis em Cades-Barneia.

Embora Coré fosse um rebelde esclarecido, Deus deu-lhe um dia inteiro para se arrepender e abandonar a sua conduta sediciosa. Quando Coré tornou claras as suas intenções de prosseguir na sua rebelião, Deus não teve outra escolha senão a de erradicar o cancro que, caso não fosse extirpado, se espalharia por todo o acampamento.

Assim, Deus criou uma fenda na terra que engoliu Datan e Abiram com as suas famílias e posses (Núm. 16) e fogo vindo do céu consumiu os 250 homens que ofereciam incenso e que estavam na companhia de Coré (Núm. 16:35).

A rebelião de Coré centrou-se numa falta de fé nas promessas divinas de restauração para os filhos de Israel e numa negação do senhorio de Deus sobre todas as coisas. Este orgulho e esta falta de fé resultaram, em última análise, na destruição de Coré e dos seus companheiros.

Misericórdia sem limites

A justiça de Deus foi aplicada, mas foi ela misturada com misericórdia? Números 26:11 dá-nos um vislumbre que permite responder a esta importante questão: “Mas os filhos de Coré não morreram.” Neste versículo contemplamos um Deus que aplica claramente a Sua justiça sobre aqueles que violaram as Suas Leis, mas que oferece misericórdia àqueles que estão inocentes. Embora intimamente ligados a Coré (Êxo. 6:24), os filhos de Coré escolheram dar ouvidos ao aviso de Deus e viver.

Nos tempos antigos, permitir que os filhos de um rebelde sobrevivessem era algo inusitado, tal como se vê em vários exemplos bíblicos. Por exemplo, a seguir ao salvamento miraculoso de Daniel da cova dos leões, os conselheiros reais inimigos foram lançados na mesma cova dos leões com as suas mulheres e filhos (Dan. 6:24). David agiu à revelia deste precedente quando jurou não matar os filhos de Jónatas após tomar posse do trono (I Sam. 20:12-17; II Sam. 9:1-7; 21:7).

Samuel, um descendente de Coré,³ foi um dos grandes educadores em Israel. A prosperidade de que Israel gozou durante os reinos de David e de Salomão foi, em grande parte, um resultado da ação das escolas dos profetas fundadas por Samuel. Samuel foi o último dos juízes e ungiu o primeiro e o maior rei de Israel.

Durante a sua juventude, David, “o suave salmista de Israel” (II



Sam. 23:1), esteve sob a influência e a orientação de Samuel (I Sam. 19:18-22). A influência de Samuel viu-se ao longo de todo o reinado de David (I Cró. 9:22).

Quando David se encontrava no processo de decidir que Levitas deveriam ser os responsáveis pela música do tabernáculo, ele designou Heman, um filho de Coré, para ser um dos três principais músicos (I Cró. 6:22-38). Ao contrário dos seus colegas músicos Asaf e Jeduthan, Heman e os seus filhos identificavam-se a si mesmos pela ligação ao seu antepassado, Coré (Sal. 42-49, 84, 85, 87 e 88).

Com um antepassado como Coré, seria lógico que eles tentassem estabelecer uma nova identidade. “Mais digno de ser escolhido é o bom nome do que muitas riquezas”, disse Salomão (Prov. 22:1). De facto, Heman e os seus filhos escolheram afixar o nome de Coré nos Salmos de que eram autores. Talvez o “nome da banda”, *Filhos de Coré*, se destinasse a lembrar-nos do juízo e da graça de Deus, tal como o seu famoso Salmo: “A misericórdia e a verdade se encontraram, a justiça e a paz se beijaram” (Salmo 85:10).

Grande profundidade e compreensão

Do desespero resultante da destruição de Coré emanou uma profunda experiência que, pela ação do Espírito de Deus, se tornou inspiradora. Os Salmos dos filhos de Coré rivalizam com todos os outros em popularidade e familiaridade e incluem as seguintes passagens: “Aquietai-vos e saíbeis que eu sou Deus” (Sal. 46:10); “Porque vale mais um dia nos teus átrios do que em outra parte mil. Preferiria estar à porta da casa do meu Deus, a habitar nas tendas da impiedade” (Sal. 84:10); “Pelo que não temeremos, ainda que a terra

se mude e ainda que os montes se transportem para o meio dos mares” (Sal. 46:2). Os Salmos Coreítas exploram as profundezas do desespero e as alturas da confiança em Deus como seu refúgio.

O Salmo 87 é a passagem textual de pensamento mais arrojado no que toca a incluir os Gentios no reino de Deus. Alguns estudiosos consideraram esta passagem textual espantosa e sem paralelo no Velho Testamento. Até ter chegado o tempo do apóstolo Paulo, não houve uma revelação tão clara na Bíblia sobre a inclusão dos Gentios no Reino de Deus (Rom. 4:11, 16; Gál. 3:28 e 29; Efé. 2:11, 22). Os filhos de Coré proclamam o que David (Sal. 22:27) e Isaías (Isa. 2:1-4; 11:10) apenas sugeriram.

O Salmo 87 começa com três versículos que exultam Jerusalém como sendo “a cidade de Deus”. O foco está claramente posto sobre Israel e sobre a cidade escolhida por Deus. Uma mudança radical é feita no versículo 4, que leva Deus a afirmar: “De entre os que me conhecem, farei menção de Raab e de Babilónia; eis que da Filisteia e de Tiro e da Etiópia se dirá: Este é nascido aqui.” Quando Deus estabelecer Sião, “o Senhor, ao fazer a descrição dos povos, dirá: Este é nascido ali” (v. 6).

Os povos nomeados incluem alguns dos piores inimigos do povo de Deus. Raab é o nome poético do Egito na Bíblia⁴; Babilónia é a desoladora do Templo de Salomão; a Filisteia era a nação de Golias (I Sam. 17) e era uma ameaça contínua para Israel; e Tiro era a nação que tinha um rei comparado com o diabo (Eze. 28:11-19).

A ideia de que viria a haver cidadãos da Nova Jerusalém oriundos destas e de outras nações gentias é uma verdade que custou a ser aceite mesmo pelos escritores do Novo Testamento e pelos após-

tolos (Gál. 2:11-15). Os filhos de Coré sabiam, por experiência própria, que Deus salvaria das nações condenadas *qualquer* pessoa que buscasse a Sua misericórdia.

A história dos filhos de Coré é um outro exemplo da misericórdia de Deus estendida à Humanidade caída. A rebelião de Coré, contrastada com a fidelidade dos filhos de Coré, ensina-nos uma lição sobre a confiança.

Às vezes, Deus administra o que podemos designar como “amor severo”. É verdade que é difícil ver o quadro panorâmico, como Deus vê, mas Deus salvou os filhos de um rebelde desesperado e depois exaltou-os a lugares de liderança em Israel. Saber isto ajuda-nos a pôr a nossa esperança em Deus, porque a Sua misericórdia é maior do que a Sua justiça. Como os filhos de Coré, podemos dizer: “Deus é o nosso refúgio” (Sal. 46:1)! ✨

• **Trevor H. Paris**

Médico

• **Thompson Paris**

Estudante Universitário

1. Richard Dawkins, *The God Delusion*, London: Bantam Press, 2006, p. 51.

2. Na Bíblia as vestes são frequentemente símbolos para a retidão de carácter (Isa. 1:18; 64:6; Eze. 16:8; Mat. 22:11-14; Mar. 9:2 e 3; II Cor. 5:1-8; Apoc. 16:15). Isaías descreve o juízo em termos do pisar das uvas. O sangue dos ímpios mancha figurativamente as “vestes” de Deus (Isa. 63:3).

3. I Samuel 1:1 identifica Elcana como sendo um Efraimita, o que parece contradizer o testemunho de I Crónicas 6:23-30 de que Elcana e Samuel eram Levitas. Para resolver esta aparente contradição é necessário compreender que os Levitas se tinham dispersado em Israel. Porque “o Senhor era a sua herança”, eles não possuíam terras em Canaã (Deut. 10:9; Núm. 26:57-62). Em resultado disso, os Levitas estavam espalhados por toda a terra de Israel, tendo Coath para Efraim (Jos. 21:20). De facto, a uma parte do clã de Coath, os antepassados de Elcana e de Samuel, foi atribuída residência em Efraim (I Sam. 2:11; 15:1; I Cró. 6:66). Deste modo, a descrição “Elcana, o efraimita” é uma descrição geográfica, não uma descrição genealógica.

4. O nome “Raab” também pode ser traduzido como fazendo referência a um monstro marinho, à força ou ao orgulho (Job 9:13; 26:12; Sal. 89:10; Isa. 30:7; 51:9). O Egito foi comparado a um grande dragão em Ezequiel 29:3.



A m5t3mát1c5 de Deus

9^a
parte

Após oito artigos tratando da utilização dos números e dos seus significados na Bíblia, temos concluído que Deus, além de todos os Seus atributos, pode ser também considerado como um grande Matemático. Isto porque a forma como os números são utilizados na Bíblia para reforçar ou ilustrar verdades espirituais é surpreendente.

No artigo anterior, tratámos dos “Quarentas”. Neste artigo, vamos abordar o número Cinquenta em particular e acelerar a contagem para chegarmos próximo da conclusão da lista de números com significado espiritual, conclusão essa que será feita no artigo do próximo mês.

Cinquenta

Eis um número bastante utilizado na Bíblia¹ e com variados e profundos significados espirituais. Uma das suas utilizações mais conhecidas reside na própria palavra “Pentecostes”, que, em grego, significa literalmente “quinquagésimo dia”. O número Cinquenta encontra-se, portanto, diretamente associado ao dia de Pentecostes, que ocorreu exatamente cinquenta dias depois do Senhor Jesus ter

ressuscitado, ou seja, cinquenta dias depois do domingo de Páscoa. Este dia já era uma data com significado especial no calendário judaico, como podemos confirmar pela leitura de Levítico 23:15 e 16. Cinquenta dias após as primícias da colheita, ou seja, após os primeiros frutos que deveriam ser apresentados ao Senhor, o povo deveria oferecer uma “nova oferta de alimentos ao Senhor”. Existe um paralelo claro entre a ressurreição de Jesus (entendida como sendo a oferta das primícias) e o derramamento posterior do Espírito Santo no dia de Pentecostes (Atos 2:4), que levou à “colheita”, num só dia, de “três mil almas” (Atos 2:41). Existe também um paralelo em relação ao que aconteceu no Céu após a ascensão de Jesus, dez dias antes do Pentecostes, quando Jesus “levou cativo o cativo, e deu dons aos homens” (Efésios 4:8), tendo apresentado perante o Pai as primícias da Sua ressurreição (Mateus 27:52 e 53).²

Mas um segundo significado, igualmente profundo, deste número pode ser encontrado no capítulo 23 de Levítico. Trata-se do Jubileu. Para entendermos este

É nossa convicção profunda que a verdadeira Ciência orienta o ser humano para Deus. Ao longo desta série de artigos, pretendemos fornecer elementos que permitam demonstrar as bases para esta convicção. Cada mês vamos explorar uma descoberta ou um avanço científico e verificar o que estes podem significar para a nossa fé.

conceito extraordinário, necessitamos de compreender alguns aspetos relacionados com a sociedade israelita, em especial a forma como o sistema económico procurava impedir as injustiças sociais de se acumularem. No versículo 22, são deixadas provisões para que os pobres pudessem conseguir algum sustento no tempo de abundância da colheita. “Quando fizerdes a colheita da vossa terra, não acabarás de segar os cantos do teu campo, nem colherás as espigas caídas da tua sega; para o pobre e para o estrangeiro as deixarás” (Levítico 23:22). Na história de Rute vemos este costume ser praticado (Rute 2:2 e 3), quando Rute vai “apanhar espigas atrás

dos segadores”. Mas o significado desta lei vai ainda mais além e remete-nos para a verdadeira natureza da propriedade da terra na teocracia de Israel e para o famoso ano do Jubileu, que comentaremos na conclusão deste artigo.

Sessenta

Este é um número pouco utilizado,³ que, normalmente, é associado ao orgulho. O caso mais conhecido da sua utilização – que já foi mencionado nesta série de artigos, quando discutimos o número Seis – encontra-se nas dimensões da estátua que o Rei Nabucodonosor mandou construir no “campo de Dura”, em Babilônia. Esta estátua tinha sessenta côvados de altura, isto é, cerca de trinta metros. Nabucodonosor é conhecido na Bíblia pelo seu orgulho. Como podemos ler em Daniel 4:30, um certo dia o rei decidiu vangloriar-se sobre o seu poder e sucesso: “Não é esta a grande Babilônia, que eu edifiquei para a morada real, pela força do meu poder e para a glória da minha majestade?” Acontece que ele ainda estava a falar quando “veio do céu uma voz, dizendo: Ó rei Nabucodonosor, a ti se diz: O reino já passou de ti.” Uma sentença muito dura foi passada sobre este rei extremamente orgulhoso. Durante sete anos, ele ficou privado da sua razão. A Bíblia descreve o sucedido em termos bem vivos: “Foi ele expulso dentre os homens, e comeu feno como boi, e foi o seu corpo molhado do orvalho do céu, até que cresceu o seu pelo como as penas das águias, e as suas unhas como as das aves” (Daniel 4:33). Sessenta é, com certeza, um número a evitar.

Sessenta e Seis

A mesma estátua mencionada na secção anterior, além de possuir sessenta côvados de altura,

possuía também seis côvados de largura (Daniel 3:1). Por isso o número Sessenta e Seis é associado por alguns autores à idolatria.⁴

Sessenta e seis foi também a quantidade de pessoas que foram com Jacob para o Egito, para se encontrar com José (Gênesis 46:26 e 27).⁵ Alguns autores com mais imaginação veem neste número uma certa premonição dos acontecimentos futuros, em que o povo acaba por se desviar de Deus. Penso que isto é levar o simbolismo longe de mais, não existindo suporte bíblico para essa interpretação.

Setenta

Até porque a quantidade de pessoas que foram para o Egito nessa altura não foi realmente de sessenta e seis, mas, sim, de setenta pessoas. Pois necessitamos de contar também, como é mencionado no mesmo texto bíblico, os filhos de José que nasceram no Egito (dois filhos), o próprio José e o patriarca Jacob, elevando o total para setenta pessoas.

O número Setenta aparece associado na Bíblia à ideia de universalidade ou de totalidade. Vejamos mais alguns exemplos:

Os descendentes dos filhos de Noé – Sem, Cão e Jafé – que repovoaram a terra depois do Dilúvio, segundo Gênesis 10, eram exatamente setenta, o que deu origem a setenta nações que vieram a existir no tempo da Torre de Babel.

Deus instruiu Moisés a seleccionar setenta anciãos entre o povo, para que governassem Israel (Gênesis 11:16, 24 e 25). Voltamos a encontrar este grupo de anciãos mencionado em Ezequiel 8:11.

O Senhor Jesus enviou setenta discípulos, dois a dois, para prepararem a Sua chegada. Esta ação tem servido de inspiração a muitas iniciativas, dentro e fora da nossa Igreja. Mas uma que me é cara foi o cha-

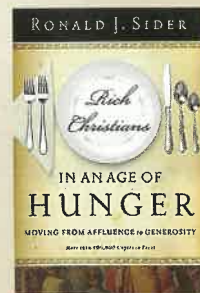
mado “Projeto 70”, lançado a partir da Igreja Central de Lisboa, nos idos anos 80, no qual tive a honra de participar e que tocou a vida de muitos jovens e de muitas pessoas alcançadas na região do Gerês.

Finalmente, setenta também é um número associado a um tempo de provação, como, por exemplo, na importante profecia das setenta semanas sobre a vinda do Messias.

A própria ordem dada por Jesus para se perdoar “setenta vezes sete” ganha mais significado à luz desta ideia: Quando perdoamos, a nossa capacidade de sermos Cristãos está a ser provada. Jesus utiliza aqui, mais uma vez, o número setenta associado a um período de provação.

Conclusão

Quero retomar o tema do número Cinquenta. Vimos que, no meio da abundância dos tempos de colheita, foram estabelecidas regras para garantir o sustento dos pobres. Mas o sistema de economia e de propriedade no tempo de Israel, que foi estabelecido por Deus, ia muito além dessa provisão. O número Cinquenta foi associado ao Jubileu, que encontramos descrito no capítulo 25 de Levítico e que podemos estudar em conjunto com o capítulo 15 de Deuterónimo. Nestes dois textos encontramos uma forma fascinante de organizar a economia da nação israelita. A minha atenção foi chamada para este assunto por um livro que, em Português, poderia intitular-se *Cristãos Ricos num Mundo Esfomeado*.⁶ Neste livro – que é considerado por muitos um clássico e cuja primeira edição é de



1997 –, apresentam-se reflexões interessantes e provocantes sobre o papel dos Cristãos no mundo. É especialmente intrigante, por exemplo, a estatística que mostra quanto a generosidade dos Cristãos foi diminuindo ao longo do século XX.⁷ Mas um dos aspetos que mais me impressionou no livro foi a sua explicação sobre o modo como a economia da nação de Israel era diferente da nossa e sobre como Deus estabeleceu um sistema que, ao mesmo tempo que defendia a propriedade privada, também permitia que injustiças não se acumulassem e lembrava a cada momento que o que temos é dádiva de Deus. Como diz o texto em Levítico 25:23: “Também a terra não se venderá em perpetuidade, porque a terra é minha; pois vós sois estrangeiros e peregrinos comigo.” O mecanismo para evitar que diferenças sociais se acumulassem era o **Jubileu**. Ao fim de cinquenta anos, a terra era devolvida aos seus proprietários originais, que tinham sido definidos quando o povo entrou na Terra Prometida. Notem que não se trata de algum

tipo de Comunismo ou de Reforma Agrária. Era algo diferente. A terra servia para fortalecer e dar sustento às famílias, que eram o núcleo da sociedade. Se, por razões várias, ao longo do tempo, alguma família acabava por perder a sua terra, após o Jubileu a sua posse da terra era restaurada e tudo se reiniciava. O próprio valor transaccional da terra, de acordo com instruções claras do texto bíblico (Levítico 25:14-16), estaria ligado à quantidade de anos que faltavam para o Jubileu, pois era sabido que, nessa altura, a terra



seria devolvida aos seus proprietários originais.

Verifiquem a perspectiva do Espírito de Profecia sobre este mesmo tema, que impressiona pela assertividade, pelo equilíbrio e também pela clareza. “Os estatutos que Deus estabelecera destinavam-se a promover a igualdade social. As disposições do ano sabático e do Jubileu poriam em ordem em grande medida aquilo que, no intervalo anterior, tinha ido mal na economia social e política da nação.

“Aqueles estatutos destinavam-se a abençoar os ricos não menos do que os pobres. Restringiriam a avareza e a disposição para a exaltação própria, e cultivariam um espírito nobre e de beneficência; e, alimentando a boa vontade e a confiança entre todas as classes, promoveriam a ordem social, a estabilidade do governo.”⁸

Infelizmente, não há registo de que o Jubileu tenha sido alguma vez observado! E tal como acontece quando ignoramos os preceitos divinos na nossa vida, podemos estar certos de que muitas bênçãos ficaram por aproveitar pelo povo de Israel, devido a este não ter seguido as orientações do Grande Economista.

Pensem no contraste entre este sistema divinamente instituído e a nossa realidade, em que milhões e milhões de seres humanos estão privados de qualquer capital inicial, quer seja terra, capacidade de investimento, acesso à educação ou qualquer outra oportunidade de poderem ter uma vida digna. Qual o papel dos Cristãos que vivem vidas confortáveis ou, pelo menos, incomparavelmente mais favorecidas, num mundo em que a maioria não possui acesso a bens de primeira necessidade ou a uma esperança de melhoria de vida? Que este significado profundo do número Cinquenta e que o subjacente contraste entre a economia de Deus e a dos homens nos possa fazer refletir. ✦

• **Miguel Mateus**

*Engenheiro em Eletrotécnica –
Telecomunicações e Eletrónica
Mestre em Investigação Operacional
Grau de MBA – Master in Business
and Administration*

1. O número Cinquenta é mencionado 154 vezes na Bíblia.
2. Ver Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia, vol 1, pp. 804 e 805.
3. O número Sessenta apenas é utilizado catorze vezes na Bíblia.
4. F. Vallowe, *Biblical Mathematics*, 1998, p.190
5. *Ibidem*.
6. Ronald J. Sider, *Rich Christians in an Age of Hunger – Moving From Affluence to Generosity*, 2005.
7. Ver o livro de Ronald J. Sider, p. 199. Apesar de o rendimento *per capita* nos Estados Unidos ter sido multiplicado por dois entre 1968 e 2001, a percentagem de ofertas dos membros de 29 denominações cristãs estudadas diminuiu de 3,10% para 2,66% no mesmo período.
8. Ellen White, *Patriarcas e Profetas*, pp. 392 e 393.



LONGO ALCANCE

Como o reavivamento do Advento TRANSFORMOU o mundo religioso

Com mais de dezoito milhões de membros, a Igreja Adventista do Sétimo Dia já não é um pequeno e marginal grupo cristão. Se nós fôssemos um país, atingiríamos a população combinada da Áustria, da Noruega e da Mongólia.



Mas o Adventismo do Sétimo Dia é apenas a ponta do icebergue – a ponta de um movimento que cativou o mundo cristão desde o século XIX, ramificando-se de diversos modos. Este movimento é chamado *o grande reavivamento internacional do Advento*, e gerou não apenas o Millerismo e a Igreja Adventista do Sétimo Dia, mas também o dispensacionalismo e o Pentecostalismo – centenas de milhões de crentes partilhando connosco a convicção de uma próxima Segunda Vinda literal, a acontecer 1000 anos antes do juízo final.

O Segundo Advento na História

A maioria dos outros grupos cristãos discorda desta perspectiva. O pré-milenialismo – colocando a Segunda Vinda antes do milénio (Apoc. 19:11-20:5) – era a posição do Cristianismo antigo, mas, começando com Agostinho (354-430 d.C.), foi substituído pelo pós-milenialismo. A primeira ressurreição geral dos mortos, que inaugura o milénio (Apoc. 20:4-6), foi espiritualizada como sendo o novo nascimento que se segue à conversão a Cristo. A totalidade da era cristã foi, então, vista como sendo o milénio profetizado. Era ensinado que bispos (como Agostinho) tinham autoridade para julgar durante este período (Apoc. 20:4), fazendo com que o governo de Cristo (o reino da pedra de Daniel 2) crescesse e enchesse toda a Terra através da união da Igreja com o Estado, de modo a que Jesus pudesse voltar para o juízo final. Isto, claro está, impede qualquer esperança de uma breve Segunda Vinda – tem-se apenas que pensar no tamanho e no número de nações não-cristãs. Esta não era apenas a doutrina tradicional católica, mas era também a convicção de mui-

tas denominações protestantes tradicionais.

Modelos diferentes de interpretação profética

Se nós estivéssemos a viver agora no milénio, a besta apocalíptica, o anticristo, teria que ser já algo passado (Apoc. 19:20) e seria, portanto, identificada com a Roma pagã, que se opôs ao Cristianismo desde a sua origem (esta é a interpretação “preterista”). De facto, isto foi ensinado uniformemente durante toda a Idade Média, se excetuarmos um abade obscuro chamado Joachim de Floris (1130-1202), que colocava a era cristã antes do reino da pedra e cria que essa era iria durar 1260 anos, a contar desde o nascimento de Cristo. Vivendo tão perto do termo desse período, sob o poder avultado do papado, ele ensinou que o anticristo seria um falso papa futuro que perseguiria os Cristãos humildes que buscavam, como ele, a direção do Espírito Santo. Os seus seguidores, chamados *Fraticelli* ou Franciscanos “espirituais”, criticaram o poder do papado e foram, de facto, perseguidos por ele, sendo quase exterminados em 1466.

Os Cristãos perseguidos na Europa Ocidental iriam, desde essa época, identificar o Papa como sendo o anticristo, incluindo também os primeiros Protestantes; no entanto, estes não seguiram a adoção deste conceito do anticristo papal até à sua conclusão lógica, que seria o advogar do pré-milenialismo. No final do século dezoito, todo o mundo cristão, católico ou protestante era pós-milenialista (ou tinha abandonado qualquer conceção sobre o milénio).

Manuel Lacunza

Um interesse renovado no pré-milenialismo resultou de uma fonte improvável – a obra de um

padre jesuíta em Itália. Manuel Lacunza (1731-1801), nascido de pais espanhóis e ordenado sacerdote no Chile, foi exilado juntamente com todos os outros jesuítas, em 1767, pelo rei espanhol. O território papal da Itália central recebeu muitos destes Jesuítas, e Lacunza foi colocado em Imola, onde teve tempo para escrever um livro, em vários volumes, intitulado *A vinda do Messias em glória e majestade*. Este livro desconstruía cuidadosamente as razões propostas para se defender o pós-milenialismo e, raciocinando de um modo estritamente bíblico, provava a verdade do pré-milenialismo.

Isto tornou possível a esperança numa breve Segunda Vinda de Jesus. Para Lacunza, o anticristo era “um corpo moral” existindo a par com a verdadeira Igreja de Deus ao longo de toda a dispensação cristã e estando relacionado com a hierarquia católica romana. A página de abertura da obra dava o tom para o uso de um método estritamente bíblico, ao usar o pseudónimo “Ben Ezra, um cristão judeu”; mas Lacunza nunca escondeu a sua verdadeira identidade e submeteu a sua obra ao governo espanhol para inspeção. Manuscritos do livro circulavam nas terras de língua espanhola desde a última década do século XVIII. A partir de 1812, o livro foi impresso na Europa em várias línguas, “abalou dois continentes” (L. E. Froom) e atravessou barreiras confessionais.

Traduzido em 1826 para o Inglês pelo pastor presbiteriano Edward Irving (1792-1834), foi discutido nas convenções sobre profecia de Albury Park (1826-1830). Estas reuniões foram realizadas na propriedade do rico banqueiro Henry Drummond e favoreciam uma interpretação literal das profecias do Antigo Tes-

tamento que diziam respeito ao futuro brilhante de Israel. Quando, em 1831, a Turquia perdeu o controle da Palestina, passou a existir uma grande expectativa entre o povo britânico de que Israel seria reconstituído como nação e as profecias com ele relacionadas seriam cumpridas. Este entusiasmo espalhou-se para a imprensa norte-americana, dando pela primeira vez a oportunidade para um desconhecido lavrador batista, Guilherme Miller (1772-1849), obter a atenção de uma vasta audiência nos Estados Unidos da América.

A conexão norte-americana

Miller tinha estado muito interessado nas profecias à data da sua conversão do Deísmo para o Cristianismo, em 1816. A Europa tinha acabado de experimentar a devastação das Guerras Napoleónicas e as monarquias tinham sido restauradas. Miller ficou confuso com as perspectivas e as teorias cristãs divergentes acerca dos últimos dias. Em consequência disto, ele decidiu levar essas questões diretamente à Bíblia, a qual ele passou a estudar diariamente, durante dois anos, sem qualquer outra ajuda senão uma concordância bíblica. Em contraste com Lacunza ou Irving, ele não pôde encontrar provas que sustentassem um papel para o Israel literal no fim dos tempos. Nem pôde ele encontrar qualquer milénio que começasse sem uma Segunda Vinda visível e sem a sua correlata ressurreição literal dos mortos, ao contrário da então quase universal opinião da cristandade. Ele encontrou efetivamente uma profecia temporal em Daniel 8, a qual estimou que terminaria em 1843-1844 com a Segunda Vinda. Ele partilhou as suas perspectivas com pastores que visitavam a sua

igreja Batista local, que, todavia, lhe prestaram pouca atenção.

O reavivamento

No entanto, precisamente quando Miller estava a sentir uma necessidade interior de partilhar as suas convicções com um círculo mais amplo de pessoas, as ideias e os jornais que divulgavam o Reavivamento Britânico começaram a surgir na Nova Inglaterra. Também eles esperavam o termo da profecia dos 2300 anos por volta de 1843 (tal como o *The Jewish Expositor*, um jornal do movimento de Reavivamento Britânico, tinha publicado em outubro de 1820). Neste clima de notícias vindas da Palestina e teorias acerca de Israel e do fim da História, Miller recebeu o seu primeiro convite para apresentar ao público as suas interpretações proféticas em agosto de 1831. Isto desencadeou o movimento norte-americano do Advento. Este, em breve, estava a vender jornais diários em todas as maiores cidades dos Estados Unidos e realizava reuniões nas suas grandes salas de espetáculos, bem como nas maiores tendas de reuniões campais vistas até então, frequentadas por multidões para as quais tinham que ser agendados comboios especiais. Josiah Litch, o colaborador mais chegado de Miller, pensou que Lacunza e Irving “tinham produzido a mesma ressonância em Inglaterra que Miller obteve, alguns anos depois, no nosso país”.

Embora o Reavivamento Britânico precedesse e desse poder ao reavivamento americano, este tomou uma rota diferente. Irving desenvolveu uma exposição sobre um tópico que é hoje familiar aos Adventistas do Sétimo Dia, a “chuva serôdia”, que precede a Segunda Vinda. Em resultado da sua pregação, fenómenos carismá-

ticos começaram a ter lugar, tais como “falar em línguas” (na verdade, sílabas sem sentido), curas sobrenaturais e visões, incluindo as visões da adolescente Margaret McDonal, na Escócia (1830). Este aspeto carismático ajudou, sem dúvida, o ramo norte-americano do movimento a olhar com alguma simpatia para as suas próprias manifestações do dom de profecia e de cura, mas também deu início ao moderno movimento Pentecostal.

Outro aspeto do Reavivamento Britânico, o papel a desempenhar pelo Israel literal (que Miller notou como sendo a principal diferença em relação ao seu movimento), foi sistematizado por J. N. Darby, um sacerdote anglicano envolvido em reuniões de estudo da profecia no início da década de 1830, que era amigo de Irving. Darby acreditava que a Segunda Vinda geraria o “arrebamento secreto” da Igreja, sendo os descrentes “deixados para trás” para serem conduzidos pelo Israel literal. Hoje, esta perspectiva dispensacionalista é popular entre os Evangélicos conservadores e fundamentalistas.

Assim, visto a partir da perspectiva que adotámos neste artigo, o Adventismo do Sétimo Dia é um rebento vigoroso do ramo não-dispensacionalista e não-carismático do grande reavivamento internacional do Advento. As importantes diferenças que temos em relação aos outros ramos não nos devem fazer esquecer de que pertencemos a um poderoso movimento que mudou o mundo religioso para sempre, no século XIX, e que tem uma enorme e penetrante influência mesmo no panorama religioso dos nossos dias. †

• **Aecio E. Cairus**

Professor de Teologia Sistemática e História da Igreja

Você pode fazer a diferença

Eu gosto de ler biografias ou autobiografias, em particular de pessoas que, provenientes de meios modestos, atingiram posições que lhes permitiram ter um impacto significativo sobre o ambiente à sua volta ou, mesmo, sobre o mundo inteiro.

Quem não se sente inspirado pelo exemplo de empenhamento total de uma pessoa como a Madre Teresa, essa mulher frágil dos Balcãs que consagrou a sua vida aos mais pobres dos pobres nos bairros de lata de Calcutá? Quem não escuta ainda ressoar o eco das palavras de Martin Luther King – “Eu tenho um sonho!” –, este filho de pastor de Atlanta, que se tornou no símbolo da libertação da opressão étnica? Quem não ficou impressionado com a grandeza de alma de Nelson Mandela, que saiu da prisão sem qualquer sentimento de amargura para se tornar no primeiro presidente negro da África

do Sul? Estas três pessoas fizeram a diferença. Em todos os domínios da vida encontramos homens e mulheres que fizeram a diferença. Imagine o mundo das Artes sem Michelangelo, Rembrandt, Rubens e tantos outros.

E quanto a nós?

A maior parte de nós é gente “comum”, cujos nomes não figuram num *Quem é Quem* e que não dará o seu nome a uma rua. Mas, em período eleitoral, os políticos procuram obter o nosso voto. Eles dizem-nos que cada voto pode fazer uma diferença crucial. E, de facto, por vezes bastam alguns

votos para fazer a diferença entre a vitória e a derrota. Nós lembramo-nos todos da recontagem dos votos da Florida, no fim do ano 2000, que deu finalmente a George W. Bush uma vitória de 537 votos nas eleições para a presidência dos Estados Unidos. Um pequeno grupo de pessoas foi o suficiente para fazer uma diferença histórica.

Aqueles que promovem um estilo de vida “verde” continuam a insistir que faz realmente a diferença, se reciclamos o nosso lixo familiar e se conduzimos uma viatura ecológica. Segundo eles, cada consumidor sensível às questões ambientais faz uma grande diferença. Eu apercebo-me de que sou incapaz de resolver os problemas ligados à pobreza no mundo contemporâneo. Mas os vinte euros que dou, cada mês, para ajudar uma criança apadrinhada, fazem toda a diferença para esta menina do Paquistão que, assim, pode ir à escola.



A minha fé faz a diferença?

Estou convencido de que cada um de nós pode fazer a diferença de uma outra maneira essencial. Aquilo que as pessoas pensam do Cristianismo com muita frequência depende simplesmente de alguns contactos com um Cristão. Uma pessoa ser atraída pela fé cristã ou ser repelida por ela pode, no fim de contas, depender do modo como ela me vê e como convive comigo. Eu posso fazer uma diferença decisiva no modo como as pessoas percebem o Cristianismo.

Seria bom que, de tempos a tempos, nos perguntássemos como, enquanto Cristãos Adventistas, fazemos a diferença. Deixem-me colocar-vos a questão de três maneiras diferentes:

- O facto de eu ser Cristão faz a diferença para aqueles que me rodeiam? Faz a diferença para a minha família, para os meus amigos, para os meus vizinhos e para os meus colegas?

- Faz a diferença que eu seja membro da minha igreja local? Esta igreja é enriquecida pela minha presença e pela minha participação, ou poderia ela funcionar, se eu não a frequentasse?
- Faz a diferença que exista uma igreja Adventista na vila ou na cidade em que eu habito? Tem ela uma influência positiva sobre a população? Ou esta população mal sabe que ela existe?

Estas são perguntas importantes. Vejamos alguns textos bíblicos, para neles encontrarmos as respostas.

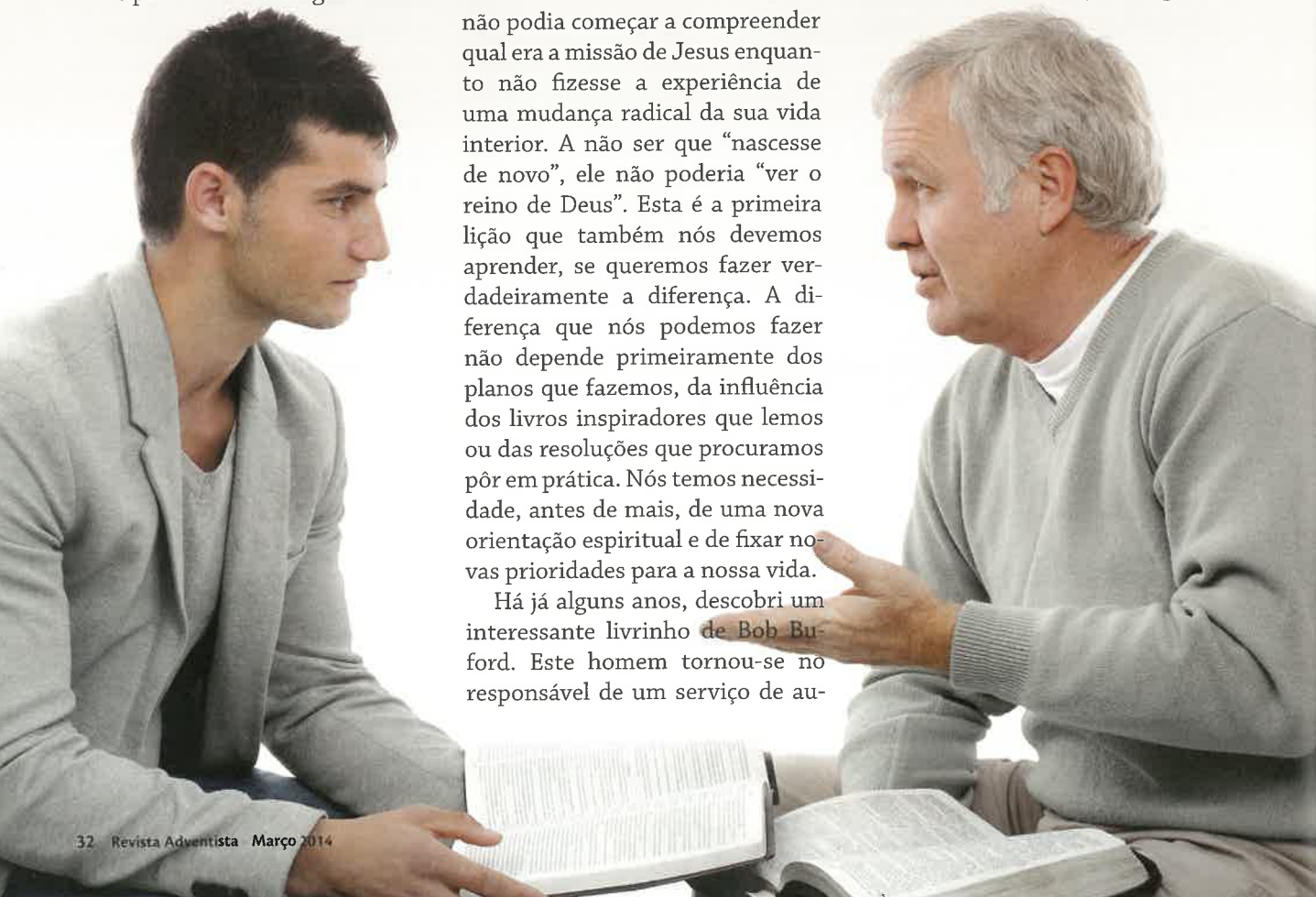
O que faz a diferença?

No início do ministério público de Jesus, um líder judeu abordou-O em privado. Ele queria conhecer o segredo do sucesso de Jesus (João 3:1-3). Jesus advertiu este homem, dizendo-lhe que ele estava no caminho errado. Nicodemos não podia começar a compreender qual era a missão de Jesus enquanto não fizesse a experiência de uma mudança radical da sua vida interior. A não ser que “nascesse de novo”, ele não poderia “ver o reino de Deus”. Esta é a primeira lição que também nós devemos aprender, se queremos fazer verdadeiramente a diferença. A diferença que nós podemos fazer não depende primeiramente dos planos que fazemos, da influência dos livros inspiradores que lemos ou das resoluções que procuramos pôr em prática. Nós temos necessidade, antes de mais, de uma nova orientação espiritual e de fixar novas prioridades para a nossa vida.

Há já alguns anos, descobri um interessante livrinho de Bob Buford. Este homem tornou-se no responsável de um serviço de au-

xílio aos pastores e responsáveis de igreja. Antes, ele tinha sido o Diretor de uma empresa de televisão por cabo muito bem-sucedida. No seu livro *Halftime* (Meio Tempo), ele conta como, a meio da sua vida, ele se sentiu cada vez mais insatisfeito. Ele estava farto de uma simples vida de sucesso e aspirava a qualquer coisa que tivesse mais sentido. É isto que explica o subtítulo do livro: *Mude a sua tática de jogo para passar do sucesso ao sentido*. Muitos de nós devem interessar-se em mudar de tática, de vida, se querem fazer uma verdadeira diferença.

Vamos dar um salto de alguns anos, depois da história de Nicodemos, para analisar um episódio do livro de Atos. No seu quarto capítulo, encontramos a história de uma confrontação, em Jerusalém, entre os membros do Conselho judeu e os apóstolos Pedro e João. Estes dois homens faziam certamente a diferença na Igreja





Primitiva e aquilo que eles legaram aos Cristãos continua a fazer a diferença hoje. Qual era o seu segredo? Eles tinham bebido na fonte por excelência do sentido. Os responsáveis judeus reconheceram neles “homens que tinham estado com Jesus” (Atos 4:13). Em Atos 11, nós encontramos uma pequena nota que sublinha um ponto semelhante a propósito dos primeiros discípulos de Jesus Cristo. Foi na cidade de Antioquia, é-nos dito, “que os crentes foram, pela primeira vez, chamados cristãos” (versículo 26). Notava-se, visivelmente, que estas pessoas tinham estado próximas de Cristo. Elas tinham-se tornado diferentes: Elas tornaram-se “o povo de Jesus”.

O perfume de Cristo

Na sua segunda carta aos Coríntios, Paulo explica o que significa ser o “povo de Jesus” utilizando metáforas acutilantes. Os Cristãos, escreve ele, espalham a boa-nova por onde quer que vão, como “um perfume agradável” (II Coríntios 2:14). Há todo o tipo de odores, e muitos deles são desagradáveis, irritantes e até nauseabundos. Mas o odor de Cristo é “agradável”: ele atrai, sugere a ternura e o amor e convida à intimidade. Em II Coríntios 3:3, o apóstolo utiliza uma outra imagem: ele compara os verdadeiros discípulos de Cristo a cartas “escritas não com pluma e tinta, mas com o Espírito do Deus vivo”. Os Cristãos podem fazer a diferença porque eles são diferentes. A sua vida é como cartas abertas que falam de Cristo. As suas palavras e as suas ações têm o odor de Jesus.

Estas particularidades características dos Cristãos podem ser definidas em profundidade como significando que eles estão “orientados para o serviço”. A natureza humana, em geral, procura

impressionar e obter resultados, pondo de parte os outros ou, pelo menos, mostrando claramente aquilo de que somos capazes e porque deveríamos ser respeitados. Aquando da sua última viagem a Jerusalém, Cristo explicou aos Seus discípulos que estes métodos, próprios do mundo, não são os Seus (Marcos 10:32-45). Tiago e João estavam, evidentemente, ainda infetados pelo vírus da sua autossuficiência e da sua ambição doentia, a ponto de quererem ser os primeiros no poder. Jesus explicou que, no Seu Reino, reinavam outros princípios. Aí o serviço é a chave que dá sentido.

O princípio da semente de mostarda

Podemos, agora, regressar às perguntas que coloquei no início deste artigo. Como posso eu fazer a diferença? Como pode a minha igreja fazer a diferença? Como pode a minha igreja crescer e exercer uma influência moral sobre a população? A resposta é: somente se tivermos em ordem as nossas prioridades. Somente se tivermos o perfume de Cristo e se a nossa vida for como cartas abertas, nas quais as pessoas possam ler o amor de Cristo. Somente se tivermos aprendido o que significa a palavra “servir”.

Queremos nós ser uma Igreja em crescimento? Então devemos ser uma Igreja que serve. Desejo eu ter sucesso no meu testemunho cristão? Eu posso ter impacto sobre as pessoas e atraí-las para Cristo, mas apenas se a minha vida é uma carta aberta, que diz àqueles que eu encontro aquilo que Cristo fez por mim. Aqueles que me rodeiam não se interessarão pela minha mensagem a não ser que reconheçam que eu, o mensageiro, estive com Cristo e espalho o Seu perfume.

Um último pensamento: o princípio da semente de mostarda. Fazer a diferença à maneira de Cristo pode acontecer numa escala mais pequena do que imaginamos. Podemos atingir resultados que impliquem um grande número de pessoas e que toquem igrejas inteiras. Mas as coisas podem levar tempo. Lembra-se da célebre parábola da semente de mostarda? Jesus disse: “O reino dos Céus é semelhante ao grão de mostarda que o homem, pegando nele, semeou no seu campo. O qual é, realmente, a mais pequena de todas as sementes; mas, crescendo, é a maior das plantas e faz-se uma árvore, de sorte que vêm as aves do céu e se aninham nos seus ramos” (Mateus 13:31 e 32). De facto, a diferença que os Cristãos podem fazer, individual e coletivamente, é enorme. Mas não nos deveríamos sentir perturbados, se essa diferença começa de modo pequeno e de forma quase impercetível. Pelo que faríamos bem em reformular a nossa pergunta – Como posso eu fazer a diferença? –, transformando-a em: Como posso eu fazer hoje, esta semana, este mês, este ano, a diferença na vida de, ao menos, uma pessoa? Como pode a minha igreja fazer a diferença na minha cidade, implicando-se pelo menos num projeto para a população? Fazer a diferença não é, na verdade, uma questão de quantidade, de volume ou de dimensão. É uma questão de diferença verdadeira que se pode ver. Ellen White tinha razão quando escreveu esta frase, frequentemente citada: “O argumento mais forte a favor do Evangelho é um Cristão amável e amoroso” (Ellen White, *Medical Ministry*, Pacific Press, 1963). É isto que faz a diferença! ✨

· Reinder Bruinsma
Pastor

ULTRAPASSADOS EM NÚMEROS!

O ruído era tão pequeno que apenas um ouvido treinado o poderia ter detetado. Ele durou apenas um momento e depois desapareceu, continuando os motores do grande bombardeiro da força aérea americana a soar tão suavemente como sempre. Mas Mac, o engenheiro de voo, tinha um ouvido treinado e ouviu o ruído. Ele lançou um olhar aos outros membros da tripulação. Aparentemente eles não o tinham ouvido, nem mesmo o comandante.

Mac olhou para o exterior da janela da cabine. O Oceano Pacífico estendia-se até ao horizonte. Ele sabia que havia algumas ilhas logo após o horizonte, para os lados de sudoeste. Ele tinha ouvido histórias sobre as ilhas do Pacífico Sul quando era rapaz. Muitos dos povos que aí habitavam eram canibais.

O avião prosseguiu no seu rumo. O navegador já tinha estabelecido a rota a seguir e estava a ler um livro. O piloto tinha colocado os controlos do avião no automático e ele e o co-

-piloto estavam a dormir, tendo a cabeça apoiada no banco. Por todo o avião havia artilheiros nas suas posições, mas estavam tão relaxados quanto os homens do cockpit. *Eles não estão preocupados, pensou Mac. Porque hei de eu estar?*

O ruído fez-se de novo sentir. Um pouco mais forte desta vez e persistindo durante um pouco mais de tempo. O navegador não o notou, o co-piloto continuou a dormir, mas quando Mac olhou para o comandante, os seus olhos encontraram-se. Foi apenas por um instante, mas foi suficientemente demorado para confirmar o receio de Mac. Ele não tinha imaginado o ruído. Havia algo de errado com um dos motores. O ruído veio de novo, mais rápido do que antes. Passou então a suceder de modo tão frequente e com tal intensidade que todos o ouviram. A tensão instalou-se no cockpit. O navegador pousou o livro. Mac verificou os mostradores. Um deles estava a oscilar na zona de perigo. Ele efetuou todos os procedimentos de rotina para corrigir o problema, mas nenhum funcionou. O co-piloto agarrou o manual do motor e leu as instruções, de modo a que Mac

não falhasse nenhuma delas. O motor começou a funcionar tão mal que o piloto desligou-o e parou a hélice. O problema espalhou-se para o motor seguinte e desse para um terceiro. O bombardeiro estava a perder altitude.

Mac esforçou a vista para tentar ver uma das ilhas mais próximas. O navegador notou a sua intenção e abanou a cabeça. “A ilha mais próxima está a 100 milhas náuticas de distância, Mac.” “Preparem-se para uma aterragem forçada”, gritou o comandante. Mas a sua ordem não era necessária. A tripulação já se tinha preparado. O avião efetuou uma amargem extraordinariamente suave. Os homens tiveram bastante tempo para encher o barco salva-vidas e abastecê-lo com mantimentos de emergência. Todos eles estavam a salvo a bordo do salva-vidas e bem afastados do avião quando ele se afundou. Eles ergueram a vela e o navegador determinou a rota para a ilha mais próxima. Mas eles avançaram para onde o vento os impelia. “De que serve chegar a terra?”, questionou Mac. “Vamos apenas ao encontro de selvagens. Eles ou nos matam



ou entregam-nos ao inimigo. Existem guarnições inimigas em todas estas ilhas.” “Mas tem havido missionários nestas ilhas”, disse o co-piloto. “Missionários!”, escarneceu Mac. “Os missionários não podem transformar canibais.”

Após dois dias e meio, os homens avistaram terra no horizonte. Desembarcaram a coberto da escuridão, esperando ficar escondidos até que descobrissem um modo de regressar ao território controlado pelas forças americanas. Eles montaram um acampamento num lugar protegido. “Ninguém nos irá descobrir aqui”, afirmou Mac. Durante vários dias ninguém os encontrou. Até que, uma tarde, Mac ouviu um som por detrás dele e olhou em volta. Um habitante da ilha estava a olhar mesmo para ele. Um momento depois o homem desapareceu. O comandante também o viu, antes de ele desaparecer. “Agora é apenas uma questão de tempo”, comentou ele. “O homem vai voltar e não virá só.” “Nós estaremos em inferioridade numérica, mas pelo menos podemos tombar combatendo.” Um dos artilheiros acariciou a sua pistola de serviço. O co-piloto sorriu. “Já se esqueceram de que têm havido missionários nestas ilhas? Estas pessoas podem ter-se

já convertido ao Cristianismo.” Mac bufou de modo escarnekedor, mas não disse nada. Pela primeira vez, ele percebeu que a única esperança deles para saírem dali vivos estava, não na pistola do artilheiro, mas na hipótese remota de que os habitantes da ilha tivessem escolhido seguir Jesus Cristo. O Sol caiu rapidamente em direção ao horizonte. O céu ficou avermelhado, púrpura e dourado. No minuto seguinte ficou escuro. Os homens esperaram.

Então surgiu uma luz, uma chama bruxuleante de um archote aceso seguro na mão poderosa de um habitante dos mares do Sul. A luz refletia os corpos trigueiros de uma longa linha de homens de grande porte vindo rapidamente em direção ao acampamento dos Americanos. O artilheiro segurou na sua pistola. O comandante ergueu a mão. “Não disparem. Estes homens não estão armados.” Entretanto, o homem com o archote tinha chegado ao limiar do acampamento dos aviadores. Ele parou. Ele avançou depois lentamente e entregou a um dos aviadores um livro preto – uma Bíblia!

Mac olhou para o co-piloto e pensou: “Talvez os missionários...” Mas ele não teve tempo de pensar nos missionários nesse

momento. Vários habitantes da ilha chegaram à clareira trazendo comida e bebida! Depois, o líder dos nativos abriu a Bíblia e leu uma passagem que até Mac reconheceu. Então, os nativos começaram a cantar. Mac não conseguiu apanhar todas as palavras, mas ele recordou-se das melodias que ouvia cantar na igreja da sua terra. Eram os mesmos hinos! Os aviadores permaneceram na ilha mais 87 dias. Todas as tardes, os habitantes da ilha vinham trazer--lhes comida, liam--lhes a Bíblia e cantavam hinos. Mais de 200 nativos sabiam que os Americanos estavam na sua ilha, mas nunca uma palavra sobre a sua presença chegou ao inimigo.

Finalmente, os nativos ajudaram os Americanos a construir uma jangada, na qual, a meio da noite, eles se fizeram ao mar. Após alguns dias, eles foram recolhidos por um dos aviões da força aérea americana. No hospital, a recuperar da sua experiência, Mac falou em nome de todo o grupo. “Podem dizer ao mundo que eu sou hoje um Cristão devoto”, disse ele. “Aqueles nativos deram-nos a Bíblia, e conduziram-nos a Cristo, a nós, os ‘Cristãos’. Graças a Deus pelos missionários.”

Retirado da revista Guide

8

remédios lhe damos...



...para recomençar a viver em

Programa:



10 dias!

20 a 29 de abril de 2014

APMP

Serra de S. Maria
Espinhal - Penela

€450,00 em quarto duplo
€600,00 em quarto single

Data limite para
inscrições:
10 de abril

Inclui:

- Alojamento
- Alimentação
- Acompanhamento
- Consultas Médicas
- Tratamentos Naturais



Associação
Internacional
de Temperança



Departamento de Saúde
IGREJA ADVENTISTA
DO SÉTIMO DIA

associação portuguesa de
Medicina Preventiva

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÃO: giselapineiro@medicinapreventiva.pt ou 93 556 18 15